

Sincero mas Errado



*Martyn
Lloyd-Jones*

Sincero, mas Errado

Martyn Lloyd-Jones

Editora Fiel

Digitalizado por prnilson



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

SUMÁRIO

<u>Introdução.....</u>	<u>4</u>
<u>Prefácio.....</u>	<u>6</u>
<u>1. Que é o Homem?.....</u>	<u>7</u>
<u>2. O Que Está Errado no Homem?.....</u>	<u>22</u>
<u>3. Sinceridade Versus Verdade.....</u>	<u>37</u>
<u>4. A Simplicidade do Evangelho.....</u>	<u>52</u>
<u>5. O Evangelho Continua Relevante?.....</u>	<u>68</u>

INTRODUÇÃO

Sincero, mas Errado é um livro excepcional. Embora sua primeira publicação seja datada de 1951, sua mensagem mostra-se tão relevante agora como o era há décadas, e talvez seja muito mais significativa para nós hoje.

A idéia central deste livro é que algo está fundamentalmente errado com o homem moderno. Apesar do acentuado progresso na ciência, na educação e na medicina, apesar das muitas leis novas e da grande prosperidade material, a vida moderna tem sido assolada por uma ininterrupta e irrestrita crise moral e espiritual.

De acordo com Lloyd-Jones, esta crise originou-se de um profundo engano quanto à compreensão daquilo que o homem realmente é. "Vemos", escreve Lloyd-Jones, "que a idéia moderna e popular sobre o homem e sua natureza afasta-se radicalmente do ponto de vista bíblico e cristão... A idéia moderna acerca do homem talvez poderia ser melhor descrita como o culto da auto-expressão, sendo um conceito que tem permeado e influenciado quase cada aspecto da vida".

Ao usar as palavras "culto da auto-expressão", Lloyd-Jones se refere àquilo que, em nossos dias, seria descrito como auto-realização, auto-satisfação, busca do prazer pessoal, a mentalidade do tipo "faça aquilo que lhe agrada" ou coisa semelhante.

É interessante notar quão pouca mudança tem havido nestas últimas décadas, ao ponto de o culto da "auto-satisfação", que era tão contemporâneo há quarenta anos, manifestar-se outra vez em nossos dias, como se fosse uma idéia nova. De fato, tal culto é um engano que retrocede ao início da raça humana — oferecido pela serpente, no jardim do Éden, mas reencarnado atualmente na religião da psicologia secular e de ideologias análogas.

O homem moderno tem crido na antiga mentira de Satanás. Por causa disso, encontra-se irremediavelmente perdido. As

conseqüências, observa Lloyd-Jones, são vistas no "incremento da delinqüência juvenil, do jogo e do alcoolismo, da imoralidade e também da infidelidade matrimonial... De fato, os resultados podem ser averiguados no rebaixamento geral do tom moral e do nível de vida na maioria dos países, na mania pelo sexo, na tendência crescente dos homens viverem apenas para os prazeres e para o que é superficial. O mundo moderno se acha desesperadamente enfermo, e talvez os seres humanos se sintam mais infelizes hoje do que em épocas passadas". E, se isso era verdadeiro em décadas passadas, quanto mais hoje. "Só existe uma cura para os males humanos", escreve Lloyd-Jones. O grande problema do homem, tanto hoje quanto na eternidade, é o seu relacionamento com Deus, que é eterno, imutável e absoluto. A cura definitiva é encontrada em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Portanto, Lloyd-Jones finaliza o livro com esta afirmação comovente:

Cristo continua sendo a única esperança para cada um dos homens; a única esperança para o mundo inteiro. O evangelho ainda é relevante? Sua antiga mensagem continua adequada? A resposta é que somente o evangelho é relevante. Somente ele pode cuidar dos problemas do homem e dar-lhes solução.

A mensagem de Lloyd-Jones não se desgastou com o passar dos anos. Mais do que isso, ele dirige-se à nossa geração como uma voz profética ecoando do passado. Com penetrante percepção a respeito de nossa própria situação, Lloyd-Jones nos leva de volta à eterna verdade do evangelho — a verdade imutável.

Lane T. Dennis, Phd

PREFÁCIO

O lugar e o valor da apologética na apresentação da fé cristã, nos tempos atuais, não podem ser discutidos, evidentemente, em um breve prefácio como este. Ninguém, entretanto, pode negar que existe um valor positivo e verdadeiro em expor a superficialidade de meros chavões e em demonstrar que aquilo que com freqüência é tido como o carimbo oficial da erudição nada mais é do que um total preconceito.

Nestes estudos tenho procurado expor e demonstrar, mediante a análise, algumas das mais comuns suposições sobre as quais muitas pessoas, atualmente, alicerçam o seu repúdio à fé cristã.

Confio que os meus comentários serão valiosos não apenas para aqueles que até agora têm estado cegos devido a tais suposições, mas também para muitos crentes que freqüentemente parecem deixar-se intimidar, sem necessidade, por aqueles que contra eles lançam os "slogans" populares do momento. A minha confiante esperança é que estas minhas páginas sirvam para encorajamento e fortalecimento daqueles que "fervorosamente batalham pela fé", provendo-lhes munição para a peleja.

David Martyn Lloyd-Jones

Westminster Chapei, Londres 1951

1. QUE É O HOMEM?

Que é o homem? Qualquer consideração autêntica sobre o homem e seus problemas, no mundo moderno, deveria responder a essa pergunta. Se a idéia básica sobre o que é o homem estiver errada, então, necessariamente, também estará errada a idéia a respeito dos seus problemas e do que pode ser feito em favor dele. Assim, já de início vemos que a idéia moderna e popular sobre o homem e sua natureza afasta-se radicalmente do ponto de vista bíblico e cristão, quase universalmente crido e aceito até cerca dos últimos cem anos.

A idéia moderna acerca do homem talvez poderia ser melhor descrita como o culto da auto-expressão, sendo um conceito que tem permeado e influenciado quase cada aspecto da vida. Esse conceito é responsável pelos aspectos mais essenciais e característicos da conduta moderna. É, por exemplo, a verdadeira explicação da última e calamitosa guerra mundial. Esse culto da auto-expressão, manifestando-se sob a forma da filosofia nazista, foi um importante fator que levou a Alemanha a mergulhar o mundo naquele horror.

Trata-se de um conceito alicerçado sobre a idéia de que a pessoa tem o direito de expressar-se, mesmo que seja às custas do sofrimento alheio, e que aquilo que alguém gosta torna-se uma necessidade legítima. Essa mesma idéia se manifesta no campo dos negócios, onde o conceito de promoção de vendas se baseia principalmente sobre essa filosofia de auto-expressão. Também pode ser percebida no campo da educação, onde o conceito de disciplina e antigo programa de ensinar às crianças as três instruções básicas — leitura, escrita e aritmética — não são mais popularmente aceitos. O resultado da atual noção popular de que a finalidade da educação consiste, primordialmente, em treinar a criança a expressar-se pode ser visto por toda a parte, tanto no colapso do controle paterno como no aumento da delinqüência juvenil.

Todavia, dentro de nossos propósitos, nos ateremos àquilo que

essa moderna filosofia se expressa, particularmente no campo da religião e no mundo da alma. Sob a influência desse conceito popular, neste século, tem havido profunda e radical modificação na atitude das pessoas comuns, acerca de toda a questão religiosa. Até ao surgimento do conceito da auto-expressão, os homens se contentavam em permanecer em atitude mais ou menos negativa no tocante às suas más ações. Alguns até admitiam livremente que tinham cometido pecado, e que não havia justificativa. Outros procuravam defender-se dizendo que os padrões religiosos eram por demais elevados, que suas regras eram por demais severas. Ainda outros, como uma capa para os seus pecados, destacavam exageradamente o amor de Deus e a sua prontidão em perdoar. E outros falavam sobre o pecado em termos de virilidade, apresentando-se como homens que tinham rompido certas restrições e algemas.

Mas, a despeito das inúmeras variações, a atitude central, comum a todas essas posições, era a de admitir a existência do pecado. Todas aquelas pessoas estavam, de uma maneira ou de outra, defendendo-se das suas próprias consciências, embora de maneira contrária à opinião da igreja e da Bíblia. A súmula do desejo delas era permanecerem intocadas e não-condenadas. Ainda que algumas vezes tal desejo se expressasse, conforme vimos, na forma de um ataque contra os crentes, como se neles houvesse falta de vigor, como se fossem pessoas de mentalidades fechadas. Aqueles descontentes não diziam — e nem ansiavam dizer — que os crentes estavam errados, embora desejassem que, eventualmente, assim ficasse provado. O seu maior desejo era o de se protegerem, de uma maneira ou de outra, da acusação de estarem afastados de Deus. O pecado, de modo geral, parecia vergonhoso. E embora, vez por outra, procurassem se defender de maneira agressiva, a atitude era totalmente negativa.

A atual perspectiva, que se baseia nesse culto da auto-expressão é, por outro lado, algo inteiramente positivo. Ao invés de serem defensivos, os métodos dessa perspectiva são de caráter ofensivo. Ao invés de resistirem ao ataque da religião, esses

métodos atacam a religião cristã e todos os seus seguidores. Não satisfeita em justificar os seus próprios caminhos, essa perspectiva recomenda a si mesma como a única forma digna de vida. Declara que a posição sobre o pecado, ensinada pela igreja, com base na Bíblia, que por tanto tempo vem controlando o pensamento do mundo, não somente é inexata, mas também pervertida; e que, quando a Bíblia apela ao homem para que se abstenha de certos atos, por amor à sua própria alma, ela está sendo na realidade o pior inimigo do homem.

Todas aquelas antigas palavras acerca do pecado, dizem os auto-expressionistas, são completamente tolas, pois induzem à auto-repressão, o que, segundo afirmam, é o único pecado. O que se costumava chamar de pecado é apenas a expressão do próprio "eu", a maior e mais vital possessão que o homem tem. Não pecar, de acordo com o antigo significado do termo, seria fazer violência ao maior dom que o homem possui. Portanto, tais pessoas pedem a abolição do vocábulo "pecado" em suas mais básicas associações.

Segundo eles, o homem é uma criatura que possui vários poderes, faculdades e instintos, e o seu bem mais elevado se acha no exercício dessas faculdades. E afirmam ser uma perversão não-saudável, da parte dos crentes, a acusação de iniquidade e desgraça para a sociedade aquelas demonstrações de auto-expressão. Insistem na retidão do que é natural e instintivo. Deploram aquilo que chamam de trágico espetáculo da humanidade, impedida de obter seu maior bem, por aderir às advertências da Bíblia, da igreja e dos santos.

Os defensores dessa doutrina não hesitam em seguir essa lógica às suas conseqüências extremas, asseverando que a pessoa por ainda acreditar no pecado, à maneira antiga, e que, por conseguinte, tenta disciplinar e controlar a sua vida, é um pervertido, um psicopata, o qual não somente peca contra si mesmo e contra seu próprio verdadeiro destino, mas também contra a humanidade de modo geral. E assim, de acordo com esse ponto de vista, os maiores pecadores na vida têm sido exatamente

aqueles a quem as diversas igrejas têm canonizado como seus maiores santos.

Esse é o conceito de vida, abraçado por milhões de pessoas em todos os países, em nossa época. Também é esse o ponto de vista que atrai a outros milhões, que só são impedidos de aceitá-lo plenamente e de se entregarem a ele, não porque vejam claramente que é errôneo, mas antes, por serem restringidos por um espírito geral de temor e pelas tradições.

Podemos considerar melhor esse ponto de vista humano sobre a vida e demonstrar sua total falácia, contrastando-o com o ponto de vista divino, estabelecido na Bíblia. Os ensinamentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo bradam abertamente contra o pecado. Declarou ele: "Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo" (Mt 18.8,9).

Ora, nesse texto somos lembrados acerca do modo como cada aspecto imaginável da vida e dos homens é invariavelmente tratado nas Escrituras. O homem moderno vive a lisonjear-se, sugerindo a si próprio que algumas de suas idéias são inteiramente novas. Porém, uma vez mais, encontramos uma ilustração de um conceito que se ufana de modernidade, sendo tratado completa e exaustivamente na Bíblia.

A primeira crítica que fazemos a esse moderno culto da auto-expressão é que ele não consegue perceber a verdadeira natureza do próprio "eu". Fala muito em fornecer meios de expressão ao "eu"; no entanto, facilmente podemos mostrar que suas próprias idéias atinentes ao "eu" são falsas e violentam a verdadeira natureza humana. É óbvio que, antes da expressão, deve vir a definição; e, conforme esperamos demonstrar, a nossa objeção não é quanto à idéia da auto-expressão, mas antes, quanto ao ponto de vista

inteiramente falso acerca do próprio "eu", que muitos têm aceitado atualmente. A resposta dada pelo evangelho a esse culto moderno não é uma doutrina de repressão, mas antes, é uma chamada à percepção da verdadeira natureza do "eu". Ora, o choque entre o ponto de vista bíblico e o de homens modernos se destaca claramente nas linhas acima citadas, especialmente na ênfase de Cristo ao usar a segunda pessoa. Se um dos *teus* olhos *te* faz tropeçar... lança-o fora de *ti*..." Permitam-me apresentar o assunto na forma de duas declarações positivas.

O ponto de vista moderno não estabelece distinção entre o próprio "eu" e os vários fatores que tendem a influenciá-lo, ou seja, os diversos fatores usados pelo "eu", a fim de poder exprimir-se. Por outro lado, nosso Senhor traça essa distinção bem clara e definidamente, ao salientar a segunda pessoa. O fato que Cristo assim fez pode ser a verdadeira causa de toda a confusão moderna. A posição que se tornou tão popular hoje em dia tende por reputar o homem como mero agregado de vários poderes e forças que, em sua interação, produzem um certo resultado final. Por si mesmo, o homem é apenas o resultado desses poderes e forças e de seus efeitos.

E quais são essas forças? Bem, há a própria estrutura física do corpo humano e, especialmente, suas várias glândulas, notavelmente a tireóide, a pituitária e as glândulas endócrinas supra-renais, que tendem a controlar algumas das funções mais vitais. Normalmente, essas glândulas funcionam em perfeito equilíbrio, com alguma variação para mais ou para menos; mas, há inúmeras variações possíveis; e, conforme uma ou outra tende a predominar, o próprio "eu", junto com a personalidade, varia, segundo somos informados. É bem provável que já tenhamos lido afirmativas assegurando que todas as grandes personagens da história podem ser interpretadas em termos de tais leves modificações, nas proporções relativas dessas diversas glândulas, que se achavam em seus corpos. Assevera-se que, dessa maneira, Shakespeare e Beethoven podem ser facilmente explicados. De conformidade com essa posição, pois, o homem não passa de um mecanismo biológico; e o seu próprio "eu", a sua

personalidade, não passa de puro resultado da inter-relação de forças biológicas.

Há uma outra teoria, intimamente ligada a essa, que tende a pensar sobre o homem em termos daquilo que chamamos de instintos. De acordo com esse ponto de vista, o homem, ou o próprio "eu", é determinado pela interação dos diversos instintos ou pelo predomínio de qualquer um dentre os vários instintos, tais como o instinto gregário, o instinto de proteção, o instinto do medo, o instinto sexual, o instinto da fome, etc. A personalidade essencial do homem, o seu próprio "eu", é considerada apenas como o produto dessas forças.

Na análise do "eu", uma outra teoria dá grande importância às tradições, ao meio ambiente e à forma de criação. É nessa altura que aparecem todos os elementos, como raça, sangue e nacionalidade, além de todos os fatores que podem ser atribuídos ao meio social e ao ambiente da pessoa.

Também há uma outra posição, que procura explicar o próprio "eu" segundo termos mais ou menos geográficos e climáticos. Segundo esse ponto de vista, a teologia de um homem como João Calvino deve ser explicada exclusivamente em termos do fato que ele viveu na Suíça. As raças germânicas, que vivem no norte, são reputadas mais severas, mais inclinadas ao calvinismo e sua doutrina, enquanto que, invariavelmente, na proporção em que alguém se aproxima do Equador, a doutrina tende por tornar-se cada vez mais caracteristicamente católica.

Entretanto, não precisamos continuar considerando os detalhes das diversas expressões desse moderno ponto de vista criado pelo homem. O ponto importante a observar é que o "eu", como tal, foi perdido de vista. Não mais se trata de uma entidade distinta, mas é reputado meramente como o resultado final da interação de diversos fatores e forças. De conformidade com essa teoria, o homem é, inteiramente, o resultado de suas glândulas, de seus instintos, de sua hereditariedade, do clima onde foi criado; e a sua auto-expressão significa que ele deve permitir que esses fatores sejam livremente

exercidos em sua conduta. De fato, visto que ele é apenas algo composto desses fatores, restringi-los significa violentar a si mesmo. De acordo com essa lógica, é um erro falar acerca das mãos e dos pés, como se estes "fizessem tropeçar", porque a mão, o pé e o olho constituem o verdadeiro "eu".

É nesse ponto que chegamos à distinção vital. Embora nosso Senhor não tenha falado em termos de glândulas e instintos, porventura não quis Ele apresentar precisamente a mesma coisa, ao referir-se às mãos, aos pés e aos olhos, que são apenas agências externas desses outros poderes? Notemos, porém, a maneira como Jesus expõe a questão. Ele não identificou o "eu" com esses instrumentos. O "eu" é distinto deles, maior do que eles, infinitamente mais importante do que eles. Eles não constituem o próprio "eu". Tão somente são os instrumentos, os servos, que o "eu" deve controlar e usar de acordo com a sua vontade. Segundo Cristo, pois, o homem não é um mero ajuntamento de forças biológicas. Antes, é algo infinitamente maior. O homem não é uma máquina, nem um animal conduzido e governado pelo capricho. É maior do que o corpo, maior do que a tradição, do que a história e tudo o mais. Porquanto existe no homem um outro elemento que transcende a todas essas coisas. Esse elemento chama-se alma.

Contudo, não podemos deixar neste ponto a nossa crítica acerca desse falso ponto de vista sobre o próprio "eu"; fazê-lo, seria ceder em demasia a essa idéia moderna. Podemos acusar tal teoria não apenas de identificar o "eu" aos vários fatores que tendem a influenciá-lo; mas, além disso, podemos acusá-la de identificar o "eu" a apenas alguns desses fatores. Ora, quanto a essa particularidade é que se percebe o que vamos descrever como a completa desonestidade desse ponto de vista, o que também nos dá o direito de dizer que ele nada é senão uma tentativa de justificar e racionalizar o pecado. Se tal ponto de vista fosse lógico e coerente na aplicação de sua própria idéia, pelo menos poderíamos respeitá-lo intelectualmente. Porém, não é assim, porquanto ele ignora propositalmente aquilo que não se ajusta ao seu esquema nem se adapta à sua teoria.

Por exemplo, não hesita em repelir o fator denominado consciência, o senso de certo e errado que há no homem, afirmando que o homem não tem maior responsabilidade por este do que pelos outros fatores frisados por esses teóricos. Eles procuram eliminar a consciência como algo falso e extrínseco, que foi impingido e enxertado no homem. No entanto, sabe-se que não existe algo mais essencial e vital ao homem do que essa faculdade.

Por igual modo, há o poder do raciocínio, a capacidade que, acima de todas, nos diferencia dos animais. Um animal é apenas o conjunto de vários poderes e forças. Não raciocina acerca desses poderes. Não pode pensar sobre os mesmos, nem considerar o que fazer com eles. Mas o poder de raciocinar e de considerar objetivamente as coisas é algo peculiar ao homem. Esse poder intelectual constantemente o impele a fazer uma pausa e a considerar, a cuidar de suas outras capacidades, controlando-as e dirigindo-as.

Porém, de acordo com esse moderno conceito, a faculdade intelectual deve ser colocada de lado, e os homens devem se comportar e viver exatamente como animais. Quanto mais retornam eles ao nível dos animais, mais verdadeiramente estarão se expressando. Essa era a opinião, por exemplo, do falecido D.H. Lawrence, o qual ensinava que uma das piores calamidades que têm afligido a raça humana é o uso da mente e da razão. Existem algumas instâncias, para sermos exatos, em que a exclusão de coisas inconvenientes a essa teoria tem sido levada ao extremo, ao ponto de quase conduzir à conclusão de que o "eu" pode ser identificado apenas à expressão do instinto sexual e à satisfação do instinto da fome.

Assim se vê que todo o moderno ponto de vista sobre o próprio "eu" e sobre a sua real natureza está lamentavelmente errado. Essa posição identifica o "eu" com certas forças elementares de sua composição, e, portanto, rouba o homem de sua maior glória — sua alma e seu espírito — aspecto no qual ele é independente de seu corpo e de suas faculdades e maior do que estes. Portanto, é um

insulto feito ao homem, algo que pretende reduzi-lo ao nível das feras, ignorando tudo quanto é mais nobre, melhor e mais elevado na natureza humana. Auto-expressão! Sem dúvida! Mas, o que é o homem? Uma mera coletânea de impulsos e instintos? Não! É uma alma imortal, dotada do poder de ordenar e controlar esses impulsos e instintos, colocando-os ao seu serviço e uso, ao invés de ser escravo deles. Não apenas mãos, pés e olhos, mas "tu", ou seja, o próprio "eu", uma personalidade cheia, completa. Temos nós percebido essa liberdade, no que concerne a nós mesmos?

Também precisamos considerar como esse culto da auto-expressão é adversário dos verdadeiros e mais elevados interesses do próprio "eu". Em certo sentido, já abordamos esse problema, porque, como é claro, tendo sobre o "eu" um conceito desesperadamente incompleto, inadequado e que elimina tudo quanto há de melhor e mais soerguedor no homem, necessariamente isto milita contra os mais elevados interesses de nossa natureza. Mas as palavras "fazer tropeçar", que foram usadas por nosso Senhor, exigem uma consideração mais extensa e profunda. Naquele texto bíblico, o "eu", identificado pelo uso da segunda pessoa "tu", não somente é separado e distinto das mãos, dos pés e dos olhos, mas, na realidade, pode ser levado por eles a "tropear". Os vários impulsos e instintos que temos no íntimo, além de não constituírem o verdadeiro e único "eu", podem, na verdade, ser os maiores inimigos do "eu", sendo o motivo de seu tropeço e a causa de sua condenação. De fato, a fim de salvaguardar o "eu", é dito ao homem que talvez ele tenha de decepar uma de suas mãos ou arrancar um de seus olhos, lançando-o para longe de si. Aqui está algo que o moderno ponto de vista ignora inteiramente; mas o faz porque seu conceito sobre o pecado é falso, não percebendo o perigo que ameaça o próprio "eu" internamente.

O reconhecimento do pecado é, na realidade, o ponto crucial de toda a questão. Não fora o pecado, o ensinamento da auto-expressão seria adequado. Se o homem tivesse continuado perfeito como Deus o criou, então todos os impulsos e instintos estariam operando de maneira correta, servindo aos mais altos interesses do

homem. Não haveria qualquer problema, e os dias da vida de um homem seriam mais ou menos iguais. Foram o pecado e os demais atos pecaminosos que introduziram a complexidade na vida humana. A Bíblia menciona a concupiscência, por exemplo, como uma característica que, por natureza, domina a todos nós, distorcendo e pervertendo atos que em si mesmos seriam perfeitamente corretos e puros. As próprias faculdades e poderes, que tiveram por desígnio ser servos do homem, tornaram-se os seus senhores. Não fora o pecado, seria legítimo para o homem permitir que seus impulsos o guiassem. Mas, por causa do pecado, nada existe que lhe seja tão perigoso quanto isso.

Tomemos, uma vez mais, as ilustrações que foram dadas por nosso Senhor, em sua declaração. Pensemos sobre a mão e sobre o pé. Quão útil instrumento é o pé humano! Quão claro é seu propósito de beneficiar ao homem! É andando que o homem sai, praticando o bem; e, no entanto, é através dos mesmos pés que ele entra em lugares de vício e de má reputação, prejudicando tanto a si mesmo como a outros. Outro tanto se poderia dizer acerca da mão humana. Meditemos em todo o bem que é efetuado com as mãos. Pensemos no aperto de mãos, no tapinha às costas, no copo de água fria que é oferecido. Todavia, essa mesma mão rapidamente se transforma em um punho fechado. Pensemos na mão que espanca a outrem. Imaginemos a mão a disparar uma arma e a cometer um assassinato. A mão, em si, é perfeita. Mas, devido ao efeito do pecado sobre o homem, pode transformar-se em instrumento de destruição do próprio homem. Por igual modo, o olho humano. Que admirável instrumento é ele! É incomparavelmente melhor quanto à delicadeza, perfeição, equilíbrio e refinamento do que qualquer instrumento que tem sido inventado pelo homem. Esse é o órgão com que apreciamos as belezas naturais, observamos o sorriso no rosto de uma criancinha e vemos o olhar de um ser amado. Contudo, é exatamente esse o órgão que nos conduz à concupiscência, e com freqüência é a causa de pecados graves, que quase sempre levam o homem à destruição. Nada há de iníquo no olho, como tal; mas, por causa do efeito do pecado e de sua influência pervertedora, o olho,

que é o mais perfeito de todos os instrumentos, pode tornar-se a causa de condenação do homem.

Por semelhante modo, todas as outras forças, instintos e poderes que existem no homem por si mesmos são inofensivos, mas, como resultado do pecado, tornaram-se uma fonte de perigo. Portanto, quão trágico e quão insensato é ignorar o pecado! Que psicologia inteiramente falsa! No entanto, é precisamente esse princípio que está sendo defendido em nossos dias. O pecado está sendo ignorado; portanto, o conselho para darmos expressão ao próprio "eu" está evitado das mais perigosas consequências que podemos conceber.

Uma outra maneira pela qual podemos ilustrar a nossa contenda sobre essa perspectiva que advoga a subserviência aos impulsos, como algo prejudicial aos melhores interesses do próprio "eu", é mostrando que tal ponto de vista impõe, deliberadamente, um só padrão de julgamento; pois, conta com apenas um teste para saber se um ato é correto ou não: o teste do prazer e da satisfação.

Ora, o evangelho não visa denunciar o prazer e a satisfação; na realidade, o evangelho oferece uma alegria maior do que aquela oferecida por qualquer outra coisa. E, o evangelho não se contenta em testar as ações apenas através desse padrão único; ele deseja trazer à luz a natureza das alegrias ou dos prazeres, se ela é boa, verdadeira e bela. Preocupando-se deveras sobre os mais elevados interesses de nossa natureza, mui obviamente ele deseja evitar todos os riscos, percebendo que nunca poderemos ser cuidadosos demais nem escrupulosos em demasia, em nossos exames. É conhecido que a criança tem apenas um teste, o teste exclusivo do prazer. Mas também é conhecido que todo o pai e toda a mãe sabe que a criança gosta, com freqüência, do que lhe é mais prejudicial, podendo ser algo inteiramente falso e feio.

Os homens e as mulheres de hoje não apreciam os processos de pensamento nem o discernimento. Quais crianças, desejam fazer o que gostam e justificam as suas ações baseando-se no fato que desejam e gostam de fazê-las. Por conseguinte, aborrecem a

disciplina e o ter de enfrentar as dificuldades. Fazem objeção à inconveniência de terem de enfrentar as questões da verdade, do bem, do mal e da beleza. Fazem o que querem fazer, defendendo que a auto-expressão é algo correto. Têm apenas um padrão de valores, o do prazer. Não investigam se seu procedimento é correto e seguro, se tenderá por contribuir para o desenvolvimento de todo o seu ser, especialmente daquilo que, neles, é mais elevado e melhor. Contentam-se com este único teste: "Isto traz satisfação?"

É evidente que esse método termina revertendo ao estado da infância, ou mesmo ao da selvageria! Não é tal atitude inteiramente suicida, a julgar pelo verdadeiro padrão da natureza humana? Se o leitor deseja suprimir sua consciência, assassinar sua razão e abafar todo o desejo por coisas mais elevadas e nobres, que nascem em sua pessoa, e se deseja meramente satisfazer à concupiscência e paixão pelo prazer, então apele para o culto moderno da auto-expressão. Porém, se deseja que todo o seu ser se desenvolva e encontre meios de expressar-se, então considere o teste do prazer como uma sugestão feita pelo próprio inferno e aplique o outro teste.

Não há necessidade, porém, de argumentar sobre esse ponto de vista meramente segundo o plano teórico. Apliquemos o teste prático. Leiamos a Bíblia e estudemos a história de seus personagens. Leiamos as biografias dos maiores benfeitores que o mundo já viu. Examinemo-los especialmente à luz do que temos discutido. Davi, o rei de Israel, mostrou o seu lado melhor e mais elevado, quando expressou o seu verdadeiro "eu" e aplicou o teste isolado do prazer, na questão de Bate-Seba, tendo-se tornado, dessa maneira, adúltero e homicida? Estava Agostinho expondo a expressão mais verdadeira do seu "eu", quando ainda era um filósofo imoral? ou depois, quando se tornou o santo disciplinado que, metaforicamente, cortou as mãos e os pés e arrancou os olhos da concupiscência e dos maus desejos? Meditemos sobre todos os membros do nobre exército de santos e mártires, que viveram na abnegação, disciplinaram suas próprias vidas, contiveram e controlaram os seus impulsos e instintos e, de modo geral, obedeceram aos ensinamentos do evangelho! Comparemo-los e

contrastemo-los com os sensuais libertinos e devassos da história. Qual desses dois grupos representa mais verdadeiramente o "eu", a verdadeira natureza humana?

Fazer tal pergunta já é por si um insulto. A maneira de expressar corretamente o próprio "eu" é o caminho da disciplina e da ordem, é o caminho da razão e da oração, é o caminho do ouvir a voz da consciência, encorajando cada pensamento e desejo que trazem enlevo. O mundo poderá considerar-nos uns tolos; e, do ponto de vista do mundo, certamente seremos coxos e mutilados, tendo apenas um olho, como criaturas bastante imperfeitas. Sim, como meros animais podemos parecer imperfeitos. No entanto, seremos dignos de sermos chamados "homens". Teremos um "eu" que se expressará com dignidade e que irá crescendo com o passar dos dias. "Não só de pão viverá o homem" (Lc 4.4); nem só de prazeres, por igual modo. Para viver, é mister que o ser inteiro e a natureza do homem sejam usados e exercitados. De outro modo, ele morrerá.

O argumento contra esse moderno ensino ainda não foi completamente exposto. Tal ensino ignora, descuidadamente, o destino final do próprio "eu": isto também precisa ser mencionado. Já foi esclarecido que isto é feito através de um ponto de vista meramente terreno e humano. Mas, há algo mais alto, infinitamente mais importante, que tal ensino também ignora. "Melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno". E novamente: "Melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo". Essas são palavras proferidas por Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. No plano puramente humano, temos visto que toda essa questão da auto-expressão é extremamente degradante para o verdadeiro "eu".

Mas, além e acima disso, há o ponto de vista de Deus a nosso respeito, que é de conseqüências infinitamente mais profundas, por estarmos em suas mãos e ser Ele o Juiz eterno. Esse é o ponto de vista divino sobre o nosso "eu", e essa questão fica abundantemente

clara na Bíblia. De fato, ensinar isto é o propósito inteiro da Bíblia. Deus conferiu ao homem uma natureza e um ser semelhantes aos dEle. Criou o homem segundo a sua própria imagem. Soprou sobre o homem o hálito da vida e o tornou uma alma vivente. Essa alma é o dom de Deus para nós. É o tesouro que Ele deixou ao nosso encargo e cuidado. Esse é o "eu" que pede e espera que expressemos.

No fim da vida e do tempo, Ele julgará o nosso desempenho. O padrão do juízo será a lei moral, conforme dada a Moisés, os ensinamentos dos profetas, o Sermão da Montanha e, acima de tudo, nosso conhecimento confiante que temos dEle e nossa aproximação à vida vivida por nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Pois a autêntica auto-expressão foi revelada em Cristo de modo perfeito, de uma vez por todas. A questão que teremos de enfrentar, por conseguinte, é esta: O que você tem feito do seu próprio "eu"? Como é que você o tem expressado? As conseqüências são eternas — vida ou morte, o céu ou o inferno.

Portanto, antes de começarmos a falar sobre a liberdade de auto-expressão, teremos de descobrir se possuímos ou não aquele verdadeiro "eu" que Deus desejou que todos os homens tivessem. Se nos faltar este verdadeiro "eu", não podemos expressá-lo e não seremos capazes de devolvê-lo a Deus, prestando contas acerca dele, no temível Dia do Juízo. A grande e urgente indagação, pois, com que cada homem se defronta, é a seguinte: Que sucedeu ao teu "eu"? tens domínio sobre a tua alma? o verdadeiro "eu" continua existente em ti? a visão e a faculdade divinas continuam presentes em ti? a tua alma continua viva? Mas, se alguém tiver vivido somente conforme os seus instintos, desejos e impulsos, o verdadeiro "eu" dessa pessoa desde há muito está morto, segundo ela poderá descobrir facilmente, se ao menos tentar viver a outra forma de vida e, acima de tudo, se procurar encontrar a Deus. O homem não pode reabilitar o seu verdadeiro "eu". Não pode encontrar a Deus. O homem pode perder a alma, mas não pode achá-la de volta. Pode matá-la e destruí-la, mas não pode criá-la de novo. E, se não fosse por uma única coisa, iria inevitavelmente para o fogo eterno do inferno.

Graças a Deus, entretanto, existe essa única coisa. "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido" (Lc 19.10). Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, desceu à terra, viveu, morreu e ressuscitou, a fim de salvar. Ele suportou o castigo que merecíamos, devido ao nosso pecado, por havermos estragado e maculado a imagem de Deus em nós. E mais, Ele restaura nossa alma para nós. Ele nos confere uma nova natureza e enche-nos com um poder que nos capacita expressar esse novo e verdadeiro "eu", tal como Ele mesmo o expressou. Essa nova forma de auto-expressão é manifesta pelo homem que é filho de Deus, agradável aos olhos do Pai celeste e herdeiro da vida eterna.

O mundo reduz o homem ao nível dos irracionais, ofende ao santo Juiz e conduz à morte eterna. A Bíblia, ao contrário, exorta-nos a desistir dos prazeres transitórios do pecado e a encontrar em Jesus Cristo o nosso verdadeiro "eu". É com essa finalidade que pleiteia, junto a nós, que neguemos a nós mesmos, decepemos mão ou pé, arranquemos o olho, e façamos qualquer coisa que porventura seja necessária, a fim de que sejam servidos os melhores e mais elevados interesses desse verdadeiro "eu"; porquanto assevera que "melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno".

2. O QUE ESTÁ ERRADO NO HOMEM?

Na ordem de importância e seqüência lógica à pergunta "Que é o homem?", aparece a questão vital: "O que está errado no homem?" Não podemos, neste assunto, agir baseados em suposições, assim como não podíamos quando tratamos da questão anterior, acerca da real natureza humana. Em períodos de crise e de tribulação, somos tentados a nos lançarmos à ação, aplicando vários tipos de tratamento. Mas o tratamento inteligente sempre deverá ser antecedido pelo diagnóstico; necessária e inevitavelmente, haverá a conexão lógica entre o diagnóstico e o tratamento. O primeiro, como é claro, determina e controla o segundo. Se sentirmos que o erro é superficial, nosso tratamento não será drástico. Mas, por outro lado, se considerarmos grave a situação, será exigido um tratamento mais radical.

Quando passamos a discutir essa questão sobre o que está errado no homem, descobrimos, uma vez mais, que há apenas duas perspectivas, a bíblica e a não-bíblica. Mais ainda, descobrimos que essas duas posições continuam sendo, exata e precisamente, o que sempre foram, embora a terminologia tenha se modificado um pouco. Trata-se do mesmo grande contraste, estabelecido na Bíblia, entre os que são chamados verdadeiros profetas e os falsos profetas. E tudo quanto temos a dizer sobre o ponto de vista inteiramente falso de hoje em dia, acerca do que está errado no homem, foi dito com perfeita lucidez, pelo profeta Jeremias, centenas de anos passados, quando se referiu aos falsos profetas que lhe eram contemporâneos: "Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz" (Jr 6.14). Esse tipo de profeta continua vivendo entre nós; continuamos a enfrentar a questão do que exatamente está errado no homem.

Quando examinamos a posição contemporânea, à luz dos ensinamentos da Bíblia, somos lembrados, em doses crescentes, sobre a verdade da declaração de Hegel, no sentido que "a história

nos ensina que a história nada nos ensina". A despeito de tudo quanto tem sido experimentado no século presente, com duas guerras devastadoras, a humanidade parece continuar nutrindo as mesmas antigas ilusões e continua culpada de um otimismo fatal em relação ao homem. De fato, a humanidade parece ser uma espécie de incorrigível Sr. Micawber, sempre esperando que alguma coisa suceda, sempre confiando que a solução para todos os nossos problemas nos aguarda após dobrarmos uma esquina mágica.

O resultado é que os falsos profetas, que nos profetizam o lazer e o prazer, são tão populares hoje em dia quanto o eram entre o antigo povo de Israel, e o verdadeiro profeta é tão desfavorecido hoje em dia quanto o foi Jeremias. Os falsos profetas mostravam-se otimistas. Jeremias parecia ser um pessimista extremado. Mas, os eventos subseqüentes mostraram que ele estava com a razão. Visto que toda a nossa contenda está no fato da própria condição do mundo moderno comprovar que o diagnóstico bíblico sobre as mazelas do homem é o único diagnóstico veraz e acurado, não poderíamos fazer algo melhor do que considerar os pontos de vista da Bíblia no tocante às dificuldades do homem, nos termos daquela acusação feita por Jeremias contra os falsos profetas de seus dias. Trata-se de uma análise perfeita e da condenação de todo o falso otimismo que é tão popular em nossos próprios dias.

Antes de tudo, consideremos e desmascaremos os erros e as falácias que subjazem àquele ponto de vista otimista da vida, sustentado pelos falsos profetas, os quais vivem sempre prontos a clamar: "Paz, paz", e que nos asseguram que em breve tudo irá bem. Antes de mais nada, é claro que se trata de um ponto de vista superficial da vida, o que se evidencia pela vivacidade com que tal posição sempre se expressa. Com um sorriso nos lábios, os falsos profetas sempre dão a impressão de que a situação é perfeitamente simples e que pode ser tratada prontamente. De fato, aquilo que sempre os deixa perplexos é que alguém possa imaginar, ao menos por um momento, que a situação envolve alguma dificuldade. Esse otimismo superficial mostra-nos, obviamente, um tipo

definido de mentalidade. Em qualquer área em que exista um problema, a atitude deles é sempre a mesma.

Tomemos, como ilustração, o campo pseudo-científico. Alguém lê o rótulo no frasco de certo medicamento charlatão e tem a impressão que sua enfermidade pode ser curada com facilidade. Tudo quanto precisa fazer é tomar o remédio, e imediatamente tudo lhe irá bem. As afirmações confiantes podem dar a impressão de que a principal dificuldade que envolve a profissão médica é que ela magnífica os problemas e exagera as dificuldades.

Examinemos um outro exemplo: uma manifestação de idêntica atitude, durante a segunda guerra mundial. Houve agitação no sentido de exigir a abertura de uma segunda frente de batalha na Europa. Segundo os escritos e os discursos da maioria dos estrategistas amadores, na realidade não havia qualquer dificuldade envolvida na questão. Os aliados tinham somente de cruzar o canal da Mancha, desembarcando um exército na França, e tudo correria bem. Para aqueles "eruditos" não havia quaisquer dificuldades ou problemas e deram a impressão de que os grandes responsáveis pela estratégia militar, a saber, os mais altos oficiais, eram apenas embotados e sem muita inteligência, homens que imaginavam dificuldades e problemas. Para aqueles amadores, entretanto, a situação inteira parecia simples e clara.

Ora, ocorre precisamente a mesma coisa no tocante ao problema da vida e da existência. Para os falsos profetas, não existe qualquer dificuldade real. Sua perspectiva sobre a situação é superficial. Conforme dissera Jeremias, esses curam "superficialmente" a ferida do povo. Seu diagnóstico é que há pouca coisa errada.

E importante que desdobremos essa teoria em seus detalhes. A essência dessa posição é que o homem está bem nos aspectos fundamentais, e que as dificuldades, quaisquer que sejam, não se originam de algo que esteja radicalmente errado na natureza humana. Para alguns desses teóricos, o problema da vida, da humanidade e do mundo é simplesmente uma questão de

desenvolvimento e de evolução. Argumentam eles que o homem se desenvolveu a partir dos animais e por isso é inevitável que, por determinado período, ele continue apresentando traços dos limites e das imperfeições que lhe foram impostos por causa de sua natureza animal. Mas, segundo afirmam, a grande coisa a que devemos nos apegar é que o homem está se desenvolvendo, progredindo e melhorando. Somos convidados, pois, a examinar o começo da história do homem e a observar com deleite o grande progresso que ele tem feito. Somos solicitados a comparar o homem, em seu estado primitivo e rude, com o que ele é na atualidade. Então, essas mesmas autoridades nos dizem, com uma modéstia irônica e desconcertante, que estão preparados a admitir que o homem não está perfeito e ainda precisa percorrer certa distância.

O problema, afirmam eles, é puramente uma questão de tempo. Precisamos apenas ser pacientes e, aconteça o que acontecer em nossos dias e em nossa geração, devemos compreender que somos parte desse grande processo que perene e firmemente vai se desdobrando, em direção à perfeição. Não há qualquer necessidade de ficarmos alarmados ou desapontados devido a aparentes discrepâncias e reversões. Basta que se dê tempo suficiente, e tudo se mostrará perfeitamente certo. Não temos necessidade de detalhar esse ponto de vista, porquanto tem sido o mais popular, concernente à vida, nos últimos oitenta ou cem anos. Intimamente ligada a esse ponto de vista, existe a opinião que considera os problemas da vida humana puramente em termos do intelecto e da educação. Essa perspectiva não é precisamente tão mecânica como a anterior, nem insiste com tanta firmeza acerca da inevitabilidade do progresso. Ela considera que a verdadeira raiz da dificuldade consiste no fato do homem não pensar nem raciocinar. Segundo essa posição, o homem não é realmente mau, mas tão-somente recusa-se a pensar! Vê-se afligido com uma espécie de inércia mental, principalmente por não ter ainda se apercebido da verdadeira natureza das admiráveis tendências que jazem em seu interior. Durante tantas eras ele tem se acostumado a viver como se fora um mero animal, reagindo aos diversos instintos e impulsos de sua natureza animal e

permitindo que o seu destino seja determinado por forças e fatores existentes fora de si mesmo, ao ponto de se mostrar lento em fazer valer esses poderes mais elevados que residem em seu interior. Em sua cobiça, deseja algo e tenta obtê-lo, mas acaba sofrendo resistência por parte de outrem que deseja a mesma coisa. E, posto que cada um é governado pela cobiça e pela paixão, tem início uma luta entre os dois. O resultado é que se destroem mutuamente, sem que qualquer deles consiga o prêmio cobiçado. Se ao menos desde o início tivessem o bom senso de fazer uma pausa e de pensar, raciocinar e negociar, quão melhores seriam as coisas para ambos. E por que não haveriam eles de agir assim? Ambos possuem inteligência e as faculdades necessárias para tanto. Segundo esse ponto de vista, defendido essencialmente pelo falecido H.G. Wells, não há necessidade de pintar um quadro negro e sombrio do homem, em termos de pecado e de maldade radical. As dificuldades do homem se devem simplesmente à sua estupidez e recusa de pensar; mas isso pode ser curado pela educação.

Outra manifestação comum desse ponto de vista superficial sobre os males da humanidade se vê na declaração de que nossas perturbações se devem, inteira e exclusivamente, às circunstâncias e ao meio ambiente. Uma vez mais, essa perspectiva não exige aqui elaboração, porquanto nos tem sido dito constantemente, por anos a fio, que as nossas dificuldades resultam inteiramente de causas econômicas e sociais, que se manifestam em termos da distribuição de riquezas e das condições de moradia. Se alguém por acaso se inclina a pensar que estou caricaturando essa posição, para ridicularizá-la, eu simplesmente solicitaria a essa pessoa que escutasse um típico comentarista de rádio, enquanto ele soluciona divertidamente todos os nossos problemas, em seus programas de rádio, ou então que escutasse as conversas de homens comuns, ao discutirem acerca desses assuntos. A impressão que se tem é que a questão é bastante simples. Essa impressão de superficialidade é observada por suas maneiras e pelo tom de voz, bem como pelas afirmativas feitas, no tocante às causas exatas de nossos males e de nossas dificuldades. Do mesmo modo, fica claro que uma acusação

semelhante pode ser levantada contra o tratamento proposto por essas pessoas. Mais uma vez, a impressão imposta a nós é que tudo pode ser corrigido com extrema facilidade. Não há necessidade de medicação urgente e de curas radicais. Acima de tudo, não há qualquer necessidade de transformação dos indivíduos, pelo menos de natureza tão radical que mereça a descrição de regeneração ou novo nascimento. Tudo quanto se faz necessário é que os homens sejam educados, pensem e planejem, organizando e impondo certas medidas legislativas que igualariam as condições econômicas, provendo trabalho para todos, garantindo a todos boas condições de moradia e assegurando oportunidades iguais para todos. Esses são os paralelos modernos do que, em séculos passados, se expressava mediante termos como "liberdade, igualdade e fraternidade", ou, em tempos ainda mais remotos, pelas palavras "paz, paz". Assim a impressão dada é que a solução é muito simples! E sendo tão pequeno o erro existente, poderia com facilidade ser reparado.

Todavia, precisamos examinar essa posição um tanto mais cuidadosa e criticamente, tendo de enfrentar a questão sugerida de imediato, a saber: qual o motivo da humanidade ter um conceito tão superficial acerca desse problema e sua cura. Por que nos dispomos tão prontamente a dar ouvidos aos falsos profetas, aplaudindo-os quando dizem "Paz, paz"? A resposta a essa indagação também é suprida pela afirmação de Jeremias. A verdade é que a mente dos falsos profetas é tão inclinada para os preconceitos e distorções, tão controlada por determinadas idéias, que eles se tornam incapazes de pensar com clareza e veracidade. Isso transparece sob duas formas principais.

Esse fato transparece, antes de mais nada, na atitude geral dos falsos profetas e na própria maneira como abordam o problema. Já nos referimos ao espírito e ao modo despreocupado que sempre têm caracterizado tais pessoas. Dão sempre a impressão, desde o começo, que estão resolvidos a não encontrar grandes erros. Muito se ouve, em nossos tempos, acerca de crer naquilo que a gente deseja que seja verdade; qualquer que seja o nosso pensamento

sobre o que tem sido intitulado de nova psicologia, todos precisamos concordar que tendemos por deixar-nos controlar por preconceitos e que nada é tão difícil quanto pensar livremente e com mente aberta.

Alguns homens, por natureza, inclinam-se por subestimar problemas e dificuldades; ao passo que outros, igualmente devido à sua natureza, tendem por engrandecê-los e exagerá-los. Quando dois homens assim são chamados a enfrentar o mesmo problema, pode-se até predizer, mais ou menos, o que cada um dirá. O otimista convicto sem dúvida alguma dirá: "Está tudo bem", antes mesmo de haver começado a examinar o problema. Mostra-se tão ansioso por descobrir pouco defeito e tão preparado para gritar: "Paz, paz", que dificilmente descobrirá grandes erros. Não é que ele seja desonesto ou que se recuse a aceitar as evidências, os sintomas e os sinais, mas é que está cego por causa de seus preconceitos.

O resultado dos preconceitos se vê com igual clareza na atitude dos falsos profetas para com os profetas autênticos. Quão amargos foram os falsos profetas da antigüidade, contra Jeremias e contra outros! Nosso próprio Senhor, certa vez, clamou, angustiado de coração: "Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados!" (Mt 23.37a). Os falsos profetas não se contentavam apenas em desobedecer. Eram amargurados e maldosos. A atitude deles em odiar e perseguir os profetas de Deus revela, uma vez mais, uma mentalidade que é exatamente o oposto da tranqüila perspectiva científica. É impossível pensar com clareza em tal estado mental. As pessoas que, na amargura, no escárnio e na maldição, repelem a religião cristã, tão-somente declaram que nunca a consideraram, pelo fato de serem incapazes de honestamente pensar a seu respeito, por mais argutos e bem qualificados que sejam em outros campos. E precisamos admitir que isso continua a se manifestar no tempo presente. Os homens raramente se satisfazem com um mero discordar dos ensinamentos da Bíblia. Sentem a necessidade de lançá-la no ridículo e de amaldiçoá-la. Precisam zombar dela, exibindo seus sentimentos e ímpetos contra ela. Eles simplesmente demonstram os seus preconceitos, embora agir dessa maneira seja a própria antítese do

raciocínio calmo e lógico.

Contudo, assim como desse modo os falsos profetas revelam os seus preconceitos em geral, com igual clareza podemos mostrar que isso afeta também os detalhes de seus processos de pensamento. Não é evidente, por exemplo, que eles começam estabelecendo um padrão falso? Situam a felicidade antes da saúde. Seu profundo desejo é serem capazes de dizer que tudo vai bem. Aquilo que eles mais querem é estar livres da dor.

Isso é algo com que todos podemos simpatizar. Em qualquer situação de anormalidade ou doença, aquilo que tende por monopolizar a nossa atenção é a dor e o sofrimento. Enquanto perdurar tal situação, não nos interessaremos por outra coisa. Simplesmente desejamos receber alívio para aquela dor, qualquer coisa que diminua a nossa agonia e o nosso sofrimento. Esse é o principal pedido que fazemos ao médico que nos vem tratar. Tal desejo é perfeitamente legítimo. É essencial que o médico faça tudo ao seu alcance para aliviar o sofrimento.

Porém, caso ele com nada mais se preocupasse senão com o aliviar a dor, então não só seria um médico falso, mas também seria uma ameaça contra os melhores interesses do paciente. Porquanto o que um enfermo realmente precisa não é do mero alívio para a dor, mas é da cura para a enfermidade que causa a dor. As drogas que aliviam as dores podem, ao mesmo tempo, estar mascarando sintomas, cujo desígnio é chamar a atenção para a condição de enfermidade. É coisa fácil, por exemplo, aplicar uma injeção de morfina em um paciente, para aliviar-lhe a dor. Todavia, o alívio do sofrimento, sem a busca honesta pela causa da dor, daria ao médico a reputação de ser superficial, quase que criminosamente. A dor é um sintoma de enfermidade e tem por objetivo natural capacitar o médico a localizar a causa essencial da dificuldade.

Empreguemos uma outra ilustração: sob a influência do álcool, o homem pode sentir-se perfeitamente feliz por algum tempo; mas a pergunta é: resolveu ele os seus problemas? Colocar a felicidade antes da saúde e considerá-la o bem supremo é ser

culpado de um engano fundamental na questão dos padrões a serem usados.

Esse procedimento impensado também inclui uma outra falácia maior, a de deixar de perceber que, em última análise, a felicidade depende da saúde e dela resulta. Qualquer outro tipo de felicidade é negativo e depende tão-somente da ausência de condições que impeçam a sua existência. Entretanto, por mais que nos esforcemos por diminuir a nossa tristeza, enquanto continuar a doença não haverá verdadeira felicidade. Assim sendo, nada é tão falaz e tão fatal à autêntica felicidade quanto o fazer da própria felicidade e do lazer finalidades em si mesmos. Quando nosso Senhor declarou: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos" (Mt 5.6), não quis Ele dizer que esses seriam felizes por terem fome e sede de felicidade. A bem-aventurança, a felicidade, a alegria é algo que resulta de buscarmos a retidão e de nos tornarmos justos. Trata-se de um subproduto, um resultado final. Não podemos colocar a bem-aventurança ou felicidade na posição suprema. Antes, convém, que busquemos a retidão; e então, tendo-a encontrado, nos sentiremos felizes e repletos de bem-aventurança.

Porém, o que finalmente explica o fracasso dos falsos profetas, em não poderem pensar claramente, é que eles estão deliberadamente resolvidos a se defenderem e a pensarem de si mesmos em termos positivos. O orgulho é a raiz do problema. O ponto de vista dos falsos profetas começa com o postulado que, seja qual for a causa das dificuldades da vida, ela não se encontra no próprio homem.

Todos nós por acaso não conhecemos algo desta suposição, em nossas próprias vidas e experiências? Nada há que tanto nos desgoste como a crítica ou a sugestão de que estamos errados. Quão astutos somos, ao justificar o que fazemos ou ao racionalizar os nossos próprios pecados! Quão difícil é vermos defeitos e máculas em nós mesmos, quando os podemos reconhecer à distância, nos outros!

A perspectiva de um falso profeta para com o homem e seus

problemas é idêntica, somente que em escala maior. A suposição inicial é que o próprio indivíduo nada tem de errado. Portanto, a causa da perturbação deve ser procurada e encontrada em algum outro lugar; e nada pode ser admitido como fato, se puser em dúvida a integridade inerente do homem. É por essa razão que o ensinamento bíblico acerca do pecado no coração humano, como causa de todos os males, é profundamente ofensivo aos homens, sendo esse, acima de tudo, o aspecto do evangelho, nos seus ensinamentos, que os homens mais fortemente objetam. Em outras palavras, o tribunal já foi subornado, antes mesmo do caso ser apresentado em juízo. O juiz e o júri já foram aliciados e estão eivados de preconceitos. O veredito foi decidido antes de qualquer evidência ser trazida à luz. Assim, o homem deve ser absolvido, e, naturalmente, ele o é. Começando com a fixa determinação de evitar qualquer coisa desagradável ou desconcertante para nossa auto-estima e para nosso orgulho, e desejando, acima de tudo, o lazer e a felicidade, o homem encontra pouquíssima dificuldade nesse ponto de vista sobre a vida, e precisa de bem pouco tempo para persuadir a si mesmo de que tudo vai bem, gritando então: "Paz, paz".

A questão vital, porém, é: Porventura há paz? Ao fazer tal indagação e ao fornecer-lhe a resposta, a mesma dada há tantos séculos por Jeremias, chegamos à nossa terceira afirmativa concernente a esse raso ponto de vista sobre a vida. Fica comprovado, pelo teste dos fatos e da história, que é um ponto de vista inteiramente falso. Os falsos profetas clamavam "Paz, paz"; mas não havia paz. Quando aprenderemos que não há paz permanente neste mundo e deixaremos de dar atenção aos falsos profetas? O fato de ser necessário salientar esse ponto, numa época como a nossa, quando acabamos de experimentar duas devastadoras guerras mundiais, ambas neste século, é prova, por si mesmo, da cegueira que aflige esse otimismo fatal que atinge a humanidade em sua natureza. Mas, devido à nossa cegueira, esse é um particular que deve ser salientado e repetido interminavelmente, se quisermos ser salvos.

Temos de enfrentar, portanto, questões como as seguintes: Por quanto tempo ainda teremos de esperar, antes que esse movimento ascendente e essa tendência, na humanidade, evolua a um estado de final e completa perfeição? Haverá alguma esperança para nós, ou teremos apenas de sonhar acerca de tal esperança, porquanto só se concretizará após muitas e muitas outras eras de tempo? Haverá qualquer evidência real da existência de tal avanço? Uma vez mais precisamos considerar se o mundo está se tornando mais feliz, melhor e mais gentil; se os problemas da vida estão diminuindo gradualmente em número e decrescendo em complexidade; se a desumanidade do homem contra o homem é menos evidente hoje em dia do que era antes. No entanto, todos esses problemas exigem resposta: Há provas do incremento de virtudes positivas? E o que dizer sobre a idéia de que tudo o quanto necessitamos é aplicar nossa capacidade cerebral, desenvolver nosso intelecto e expandir nosso conhecimento? As pessoas dotadas de habilidade estão isentas desses problemas? O intelecto garante uma vida de felicidade perfeita? O homem que adquiriu conhecimento e cultura, necessariamente é um modelo de todas as virtudes? Está tal homem imune a todas as enfermidades e dificuldades das quais a carne é herdeira? Aplica ele, invariavelmente, o seu conhecimento e os seus poderes de raciocínio, quando atraído por aquilo que sabe ser errado ou prejudicial, mas que, não obstante, lhe é atrativo e que lhe satisfaz?

Se quisermos as respostas, teremos apenas de ler as obras dos grandes escritores do mundo. Tais homens, algumas vezes, se acham entre os maiores sofredores do mundo e, com freqüência, têm suportado agonias mentais e espirituais mais pungentes do que qualquer outro tipo de pessoa. De fato, no terreno de suas relações pessoais, com freqüência têm fracassado da maneira mais trágica. A filosofia de Bacon, a qual diz que "conhecimento é poder", tornou-se um popular "slogan" moderno. Mas a história, as biografias e os registros dos tribunais de justiça, bem como as colunas dos jornais, relatam uma realidade inteiramente diversa. À parte de tudo isso, entretanto, se a nossa salvação jaz no intelecto e no conhecimento,

que esperança pode haver para aqueles que não foram dotados de grande intelecto, os quais, portanto, não podem ter a esperança de aprender? Uma salvação que pode salvar apenas alguns é uma zombaria e uma imitação burlesca da palavra.

Do mesmo modo, podemos ver que uma simples mudança de condições não tem possibilidade de solucionar o problema. São felizes todos quantos são suficientemente abastados? A posse de coisas, casas e bens soluciona, na realidade, todos os problemas? Quem, geralmente, é mais feliz, o rico ou o pobre, o habitante da cidade ou o do campo? Em qual classe se verifica o maior número de tragédias, ou em qual delas se experimenta uma maior profundidade de miséria e desolação? A resposta, naturalmente, é que, em última análise, as condições fazem bem pouca diferença em nossa felicidade ou no caráter de nossa vida. Pelo menos, se fazem diferença, então é que estamos tendo uma modalidade de vida das mais precárias. As coisas que determinam o nosso tipo de vida são muito mais profundas — o amor ou o ódio, a inveja ou a generosidade de espírito, o egoísmo ou a disposição de ajudar a outros, bem como todas as várias outras qualidades de caráter que contribuem para determinar as relações humanas. Os nossos problemas e tribulações originam-se em nós mesmos e naquilo que somos.

Não queremos negar o valor da educação ou das condições econômicas. Todas as criaturas humanas têm direito a certa medida de vida decente no mundo presente e deveriam exigí-la como algo que lhes cabe; mas dizer que isso basta, e que tais coisas solucionam, sozinhas, todos os nossos problemas, é exibir um ponto de vista inteiramente falso acerca da vida. Realmente, tudo isso nos faz lembrar crescentemente daquelas palavras de Shakespeare:

A falha, querido Bruto, não se acha em nossas estrelas,

Mas em nós mesmos, que somos subalternos.

Aqueles que clamam, "Paz, paz", alicerçados sobre base tão superficial, são falsos profetas, para quem os fatos da vida replicam

clamorosa e tragicamente: "Não há paz".

Antes que possam ser solucionados os problemas da vida e dos homens, precisamos primeiramente entender a verdadeira natureza do problema. Visando esse fim, precisamos lançar fora todos os nossos preconceitos e deixar de ser governados pelos nossos desejos. Devemos estar preparados para pensar com honestidade, fazendo um exame e uma análise completos, o que nos sondará em profundidade, perscrutando tanto os nossos motivos como as nossas ações.

Onde podem ser encontrados tal exame e tal análise? Faz parte da própria essência da religião cristã afirmar que isso só pode ser achado na Bíblia. Ali temos a revelação do que Deus pensa sobre o homem e do que Deus tem feito a respeito do homem. Tal ponto de vista é repetido e ilustrado interminavelmente ali. De conformidade com esse Livro, as dificuldades do homem se devem ao fato que ele pecou e se rebelou contra Deus. Foi criado em estado de felicidade, a qual dependia de seu relacionamento com Deus e de sua obediência às leis e à vontade de Deus. No entanto, o homem rebelou-se contra a vontade de Deus e transgrediu a lei de sua própria natureza.

Conforme temos visto, a felicidade depende da saúde. Em parte alguma essa sucessão de fatos pode ser melhor percebida do que no campo espiritual e moral. O homem tornou-se doentio. Uma enfermidade de nome pecado tem lhe invadido o ser. O homem, porém, recusa-se a reconhecer sua corrupção e apela a vários expedientes, os quais mencionamos acima, na tentativa de encontrar felicidade e paz.

Todavia, invariavelmente falha, porquanto a dificuldade não reside apenas no seu interior e em seu meio ambiente, mas também em seu relacionamento com Deus. O homem combate contra o único que pode lhe dar aquilo que ele necessita e que deseja. Deus declarou: "Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz" (Is 57.21). Portanto, por lutar contra Deus, por resistir a Ele e desobedecer-Lhe, o homem rouba de si mesmo o próprio prêmio que anela

receber. E, não importa o que venha a fazer, enquanto não for restaurada a sua relação de obediência a Deus, nunca conhecerá a saúde e a felicidade. Poderá multiplicar suas riquezas e possessões, poderá aperfeiçoar seus instrumentos de educação, poderá obter todo um mundo de riquezas e conhecimento; mas fazer tal coisa em nada lhe aproveitará, enquanto seu relacionamento com Deus não for corrigido. Sempre estará lhe faltando alguma coisa, até mesmo em seus momentos de maior alegria; nunca conhecerá verdadeira satisfação. O homem descobrirá falhas em suas circunstâncias e procurará modificá-las, mas o alívio obtido será apenas temporário. Acusará outras pessoas e formará novas associações e alianças, mas em breve sentir-se-á infeliz novamente. Censurará isto e aquilo, apelará para este ou aquele expediente, até que, à semelhança de Hamlet, vendo que tudo é insuficiente, clamará amargurado:

*O tempo está desconjuntado:
ó maldita malevolência,
Que eu tenha nascido,*

a fim de procurar corrigi-lo!

O homem sente que ele mesmo está certo e que suas dificuldades estão arraigadas em algum outro lugar. Assim ele continua indefinidamente em sua miséria e em sua desgraça, com suas experiências fúteis, até que, à semelhança de Agostinho, antes devasso e pecaminoso, chegue a perceber que a dificuldade está em seu interior, em seu distorcido relacionamento com Deus, clamando: "Tu nos criaste para ti mesmo, e nossos corações não têm sossego enquanto não acham descanso em ti".

Porém, tendo chegado a essa percepção, começará a sentir que seu caso é totalmente desesperador. Perceberá não apenas a sua insensatez, mas também a sua arrogância. Sentirá que perdeu o direito a qualquer demonstração do amor de Deus. Mas a admirabilíssima maravilha é que ele ouve o evangelho, segredando-lhe que Deus, a despeito de toda a sua desobediência, tem esperado pacientemente por ele. De fato, descobre que Deus

vinha procurando por ele, tendo enviado o seu próprio Filho, Jesus Cristo, a este mundo, a fim de encontrá-lo e libertá-lo. Em seguida, lhe é revelado que Cristo já morreu para levar a sua culpa. O perdão lhe é assegurado, e recebe uma vida nova e uma nova natureza.

Agora ele vê tudo de maneira nova. Os problemas são resolvidos e as dificuldades são banidas. Começa a experimentar uma verdadeira paz, porquanto não depende exclusivamente de outras pessoas e de condições externas. Pelo contrário, trata-se de uma paz que persiste, a despeito das condições mutáveis; uma calma profunda, íntima, que ele pode descrever somente como "a paz de Deus, que excede todo o entendimento" (Fp 4.7). E também descobre que, justificado por meio da fé, tem "paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5.1). E então, vendo a si mesmo e a todos os outros homens sob essa nova luz, derramada sobre o homem e seu mundo, pela Bíblia e seus ensinamentos, concorda plenamente com Agostinho e outros. Não pode haver paz entre os homens enquanto ela não se tornar uma realidade no íntimo da pessoa, e esse ideal pode ser obtido somente quando nos submetemos àquele que disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (Jo 14.27).

3. SINCERIDADE VERSUS VERDADE

Quanto mais alguém considera e examina a situação presente, à luz dos ensinamentos bíblicos, mais percebe que todas as falácias populares, atinentes à vida e às suas dificuldades, são apenas modernas variantes de idéias antiqüíssimas. Já vimos quão veraz é essa declaração, enquanto considerávamos os problemas existentes na natureza humana e o que está errado no homem. Agora, ao passarmos a considerar o que deve ser feito em seu favor, descobriremos, uma vez mais, que uma das teorias mais populares é justamente aquela que é desmascarada e tratada com clareza na Bíblia.

Talvez nada exista de tão comovente, na Bíblia, como o interesse, expresso pelo apóstolo Paulo, por seus compatriotas, os judeus. Ele se lamentava devido à recusa persistente e obstinada em crerem eles no evangelho. Sentia também que, devido à privilegiada posição que ocupavam, o caso dos judeus era mais trágico que o de qualquer outro povo. Deus os escolhera dentre todas as nações, conferindo-lhes prerrogativas especiais. A eles tinham sido confiadas as Escrituras, e tinham sido ensinados por uma maravilhosa sucessão de profetas, a fim de que aguardassem a futura vinda de um grande Messias e Libertador. No entanto, dentre toda a humanidade, foram justamente eles que rejeitaram a Cristo e que continuaram se recusando a dar crédito ao evangelho, que fala de Cristo. Aqueles que esperavam o aparecimento do Messias não O reconheceram, quando Ele veio. Aqueles que se declaravam ansiosos por parecer justos diante de Deus rejeitaram o único meio pelo qual a humanidade pode ser justificada diante do Senhor.

Para Paulo havia apenas uma explicação para essa tragédia. O apóstolo exprimiu isso, com as seguintes palavras: "Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento" (Rm 10.2). Ele admitia que os pontos de vista deles eram honestos e sinceros. O problema dos judeus não era que lhes

faltasse sinceridade, mas antes, era que confiavam em sua própria sinceridade; e então, por dependerem dela, deixavam de considerar a luz e o conhecimento maiores que o evangelho poderia lhes dar, quanto ao Messias que desejavam. De igual modo, sua dificuldade não era a falta de fervor, mas a confiança em seu próprio fervor, argumentando que, em vista de serem zelosos, necessariamente estavam com a razão. "Têm zelo por Deus, porém não com entendimento." Na realidade, repeliam o conhecimento que o evangelho lhes oferecia, exatamente por causa do seu ardor pessoal. O conflito, no caso deles, era entre o zelo e o conhecimento, entre a sinceridade e a verdade.

Essa teoria deve ser considerada, pois nos oferece uma descrição exata e precisa do que acontece com grande número de pessoas, em nossa época. De fato, não hesitamos em dizer que se trata de uma perfeita descrição da tendência predominante em grande parte do pensamento religioso, tendência essa que Paulo reputava ao mesmo tempo patética e perigosa. Trata-se da tendência de igualar à sinceridade à verdade, de fazer do zelo e do conhecimento termos equivalentes. A posição não é afirmada exatamente dessa maneira, naturalmente; antes, asseveram que, se um homem é sincero e zeloso, nada mais realmente importa.

Não há dúvida que essas qualidades, o zelo e a sinceridade, estão sendo exaltadas em nossos tempos, precisamente como se fazia entre os antigos judeus, e que, modernamente, esses são os testes aplicados a todos os homens e a todas as idéias. O conhecimento está sendo depreciado, quase mesmo desprezado. O modo claro e lógico de pensar e as definições exatas não são valorizados. Doutrina e dogma são tabus, considerados quase que inimigos da verdade; e até mesmo às boas ações já não se dá o mesmo destaque dado há alguns anos.

Atualmente, a sinceridade é com freqüência o único teste aplicado. Basta isso; e se uma pessoa puder mostrar que é sincera em seus pontos de vista, nada mais é exigido dela. Não se leva em conta a correção ou o erro dos pontos de vista. De fato, isso está

sendo reputado como algo sem relevância. Quando alguém duvida da veracidade de alguma declaração, isso é considerado quase como um sacrilégio, produto de um espírito ou de uma mente dados à dissensão e ao legalismo. A reação a todos os comentários e questionamentos feitos é que tal pessoa é honesta em seus pontos de vista. A sinceridade é o teste supremo; e o que se requer de todos não é que defendam opiniões corretas, mas que tenham, de algum modo, uma opinião sincera. Assim é que, com freqüência, ouve-se uma frase parecida com esta, no fim de uma reunião: "Naturalmente, não concordei com ele, mas isso não tem importância. É evidente que ele é sincero".

Não se pode esconder que essa posição surgiu quase exclusivamente como reação a certas condições previamente existentes. Trata-se da reação moderna contra a mera teologia, contra o mero conhecimento, contra a mera moralidade. O homem moderno abomina a beatice e a hipocrisia. Ele repele aquele tipo de pessoa, que era tão comum no final do século passado, cuja cabeça estava repleta de conhecimento e de teologia, mas cujo coração estava vazio não somente da graça do Senhor Jesus Cristo, mas até mesmo da bondade comum ao ser humano. O homem moderno tem aversão por aquele tipo de pessoa cuja moralidade é tão superficial como a sua pele, cuja religião parece limitar-se a apenas um dia em cada sete. Também sente que já se exibiu demais aquela forma de interesse intelectual pela religião e pela teologia, mas que jamais se expressa na vida prática. "O que necessitamos", afirma o homem moderno, "é de sinceridade; não importa quais sejam as idéias de uma pessoa, contanto que ela seja sincera". A ortodoxia sem honestidade, a moralidade sem a nobreza de caráter e a "santidade" superficial, às quais falta a sinceridade, para o homem moderno são os maiores males. Segundo ele sente, o que mais se faz mister atualmente é a genuinidade, a sinceridade, a paixão pela retidão, sem importar quais pontos de vista alguém tenha, em particular, sobre questões doutrinárias ou teológicas.

Naturalmente, há nessa posição muita coisa com que todos precisamos concordar. A sinceridade é um elemento essencial; sem

ela, ninguém pode esperar chegar à verdade. A pessoa insincera não pode ser defendida. Porém, dizer que sinceridade e verdade são idênticas é cair em um erro quase tão perigoso como defender a verdade de modo insincero. A sinceridade é algo necessário; é essencial. Mas, quando se assevera, conforme muitos fazem, que nada mais realmente importa, senão a honestidade e o zelo, então o pêndulo já oscilou para o extremo oposto, o qual é tão perigoso como aquele em que viviam as pessoas do século passado, as quais consideramos culpadas de erro.

Portanto, consideremos detalhadamente essa posição moderna, especialmente à luz do que o apóstolo Paulo diz acerca de seus próprios contemporâneos, os quais, por causa de seu zelo e sinceridade, repeliam o evangelho de Jesus Cristo.

Antes de tudo, levemos em conta a falácia que está envolvida nessa tendência moderna de substituir o conhecimento pelo zelo e de exaltar a sinceridade em lugar da verdade. Quando digo falácia refiro-me, primariamente, a uma falácia intelectual e filosófica. Mesmo sem vincular seu erro à esfera particular da religião, essa tendência é faltosa e tola, quando considerada em qualquer esfera ou em qualquer de suas aplicações.

Antes de tudo, indica que tais pessoas não conseguem perceber o verdadeiro significado e natureza do zelo e da sinceridade. Afinal de contas, no que consiste o zelo? O que significam honestidade e sinceridade? Certamente não são nem visam exprimir mais do que uma descrição da maneira como alguém realiza uma ação particular ou dirige-se a certo destino. Tais termos anunciam que a maneira do homem avançar se caracteriza por uma atitude radical, de todo o coração, não havendo suspeita de letargia ou de desonestidade em seu método. É evidente que tal pessoa anseia por chegar ao alvo colimado, e força cada nervo e cada músculo a fim de alcançá-lo. É nisso que consistem o zelo, a honestidade e a sinceridade.

Utilizando outra ilustração: alguém pode pregar o evangelho de maneira sincera ou insincera, um outro pode advogar uma causa

política ou social de modo genuíno e honesto, ou por causa de algum interesse pessoal, ou por algum motivo oculto. Isso nada mais é que a descrição da maneira como alguém cumpre ou realiza qualquer função; não diz respeito à função como um fim em si. Certamente que o objetivo, quando alguém inicia uma viagem, não é meramente o de viajar de certa maneira específica. A pessoa não se contenta enquanto não chega a seu destino. Mas o que está sendo esquecido, hoje em dia, é precisamente a idéia de um alvo. Toda a ênfase recai sobre o zelo e a sinceridade; o modo como alguém viaja é reputado como de maior importância que o destino. A viagem se tornou um objetivo em si mesmo.

Desejo citar apenas um exemplo típico e bem conhecido sobre isso. Ao escrever sobre a busca pela verdade, Rufus M. Jones diz, definida e categoricamente, que, se em uma de suas mãos lhe fosse oferecida a emoção e a alegria da busca pela verdade e na outra lhe fosse dada a própria verdade, sem a menor hesitação ele escolheria a primeira possibilidade.

Isso é bem típico de grande parte da atitude moderna. A ênfase toda recai sobre a procura e sobre a maneira como alguém faz as suas buscas. A busca tornou-se mais importante do que o ato de encontrar. Assim, pois, a sinceridade e o zelo são exaltados acima de tudo o mais. A viagem se tornou o objeto do desejo. O alvo é reputado como algo sem importância e, de fato, quase que como um motivo de irritação; e isso porque, quando atingimos o alvo, necessariamente termina o deleite e a alegria da busca. Que terrível perversão do pensamento, sem nada dizermos a respeito da deturpação das coisas espirituais! Os antigos padres jesuítas foram condenados por pensarem que o fim justifica os meios. Por outro lado, hoje em dia, a idéia é que os meios são a única coisa que importa e que o fim não tem qualquer utilidade. E, assim sendo, não importa qual seja nossa idéia e nosso ponto de vista final, contanto que nos mostremos sinceros.

Todavia, posso imaginar alguém apresentando a objeção de que a minha exposição não é perfeitamente justa — que

modernamente a sinceridade e o zelo não são um objeto de adoração por si mesmos, mas que, antes, a sinceridade é uma garantia da verdade, e, por isso, todo o ponto de vista defendido com sinceridade é necessariamente correto. O argumento é que, se buscarmos sinceramente a verdade e a realidade, a própria sinceridade servirá de garantia que, por fim, chegaremos ao nosso alvo.

Essa objeção, contudo, deixa a posição moderna exatamente onde se encontrava antes; pois o erro dessa objeção é tão profundo como o da posição original. Trata-se do erro de pensar que uma das funções do zelo e da sinceridade é decidir o que há de certo ou de errado no alvo final, e de escolher qual a direção em que devemos avançar. Porém, conforme já vimos, essa não é uma das funções do zelo e da sinceridade, de modo algum. A finalidade dessas qualidades é ajudar-nos a chegar àquele alvo. A sinceridade e o zelo são, para os homens, o que a gasolina é para o automóvel, o que o vapor é para a máquina a vapor. São apenas expressões de poder e de modo nenhum têm competência para decidir ou determinar quais voltas, ao longo do caminho, são certas ou erradas. No entanto, é exatamente assim que essas virtudes estão sendo usadas em nossos dias. As pessoas dizem: "Você está vendo aquele homem? Ele defende a verdade com todo o empenho. Não deixa pedra que não seja revirada. Faz tudo quanto está ao seu alcance. Note seu zelo e sua sinceridade admiráveis". Ele defende a questão com todo o coração, e, por isso mesmo, fica entendido que deve estar com a razão e de maneira alguma pode ser criticado.

Ora, essa atitude é tão enganosa quanto se alguém disser que por estarmos viajando com rapidez por um certo caminho, à toda aceleração, necessariamente estamos percorrendo a estrada certa. Não! A velocidade e o método de viajar não garantem, sob hipótese alguma, que estamos na estrada certa. Não compete à sinceridade e ao zelo determinar se está correto ou não o nosso ponto de vista.

Mas esse ponto é visto ainda com maior clareza, quando percebemos que o zelo e a sinceridade podem estar enganados, sem que por isso deixem de ser zelo e sinceridade. Em outras palavras,

precisamos lembrar que uma pessoa pode estar sinceramente errada e genuinamente equivocada.

Talvez o exemplo clássico disso seja o do próprio apóstolo Paulo. Ele nos diz repetidas vezes que, nos dias anteriores à sua conversão, quando perseguia a igreja de Deus e massacrava os cristãos, fazendo tudo ao seu alcance para exterminar a causa cristã, ele era perfeitamente sincero. Fizera tudo "com toda a boa consciência" (At 23.1). Ele não apenas pensava que estava certo, mas tinha convicção disso; e cria, do mais profundo do seu ser, que estava fazendo o que era agradável aos olhos de Deus. Era sincero e zeloso; era totalmente entregue ao que fazia. Não havia vestígio de hipocrisia ou fingimento em suas ações. Se houve um homem honesto, este foi Saulo, o fariseu, antes da sua conversão.

No entanto, a caminho de Damasco, repentinamente veio a entender que estava terrível e tragicamente enganado. Percebeu que todo o seu direcionamento estava errado; e imediatamente tomou novo rumo. Depois disso, trabalhou e viajou com igual entusiasmo, mas na direção exatamente oposta. A sinceridade e o zelo permaneceram inalterados, mas em um curso inteiramente diferente. Antes de sua conversão, Paulo estava sinceramente equivocado. Após a sua conversão, tornou-se sinceramente certo. Por conseguinte, o fato de que um homem é sincero não garante que ele esteja com a razão; e fazer da sinceridade o padrão e o teste final é a mesma coisa que lançar aos ventos a lógica e a clara maneira de pensar. Ora, certamente devemos admitir que muitas das maiores crueldades e dos piores excessos registrados, tanto na história antiga como na moderna, devem ser atribuídos à falsa sinceridade e ao zelo que não são governados e controlados pelo verdadeiro conhecimento.

Em outras palavras, a fim de finalizar esse argumento, o que parece estar esquecido é que podemos dizer, sobre a sinceridade, o mesmo que se tem dito sobre o fogo, naquele provérbio popular bem conhecido: "O fogo é um bom servo, mas é um mau senhor". Enquanto o fogo está sob controle, nada é mais útil do que ele. Com

ele, podemos aquecer nossas salas, cozinhar as nossas refeições e realizar um número interminável de ações benéficas. Porém, uma vez que o fogo não mais esteja sob controle e torne-se o senhor da situação, leva somente à destruição e ao caos.

Podemos, também, lançar mão da ilustração de um cavalo bem cuidado, forte e fogoso. Nada é mais agradável do que montarmos tal cavalo, enquanto estivermos firmes sobre a sela, segurando as rédeas com firmeza. Mas, se por acaso ele tomar as rédeas entre os dentes e disparar, a situação tornar-se-á insegura, e o incidente pode terminar em desastre.

Ora, o caso é exatamente idêntico ao que se dá com a sinceridade. Se o conhecimento estiver firmado na sela, e juntamente com a verdade, estiver no controle, nada melhor ou mais importante haverá do que a sinceridade. Mas, se entregarmos o controle à própria sinceridade, ela nos poderá fazer desviar inexoravelmente, levando-nos ao desastre. Isso sucedeu ao apóstolo Paulo, antes de sua conversão. E, segundo ele nos informa, esse era o problema dos judeus do seu tempo. Eles eram sinceros, mas não segundo o conhecimento. A sua sinceridade não era orientada. Era uma sinceridade que sofria de falta de visão e, por isso, causava destruição e os conduzia à condenação. Mas, ao recebermos o conhecimento e a direção correta, nada se faz tão essencial como a sinceridade. Todavia, quando alguém depende da pressão do vapor, na máquina, e não da bússola, para tomar a direção certa, o resultado inevitável será o naufrágio.

Em nossa época, multidões avançam a todo o vapor nessa suposta grande busca pela verdade e pela realidade. Todos se declaram sinceros e genuínos, que "defendem com denodo a verdade". Mas, em nome de Deus, indagamos: "Para onde você está indo? Você tem conhecimento verdadeiro? Sua bússola funciona? Continua de olhos fixos na estrela polar? Não julga que já é chegado o tempo de verificar o seu rumo e descobrir a sua posição exata? Você não tem consciência de certos perigos graves, que possa encontrar a qualquer momento, nessa viagem e em sua busca?"

Perceba o perigo de confiar exclusivamente na força. Entenda a importância absoluta do conhecimento e da verdade, da informação e da direção correta". Certamente, não existe qualquer atitude mais insensata e falsa do que confiar na sinceridade e no zelo que não são controlados pelo conhecimento.

Consideremos, por igual modo, a futilidade dessa posição moderna. Meditemos no terrível desperdício de energias que há quando a sinceridade e o zelo não são orientados pelo conhecimento e pela verdade. Naturalmente que essa situação se faz presente em todas as áreas. Se voltarmos a nossa atenção para as experiências científicas, por exemplo, veremos que confiar no zelo e na sinceridade em meio à busca por resultados, sem que se tenha uma certa soma de conhecimentos, é obviamente inútil e até altamente perigoso. Em qualquer área da vida, o conhecimento é essencial, e o mero fervor, à parte do conhecimento, não pode produzir os resultados desejados. Ora, se compreendemos que, no final das contas, temos de nos preocupar com Deus e em sermos agradáveis a Ele, quão infinitamente mais importante é entender, antes de fazermos qualquer coisa, que o conhecimento de sua vontade e de seu propósito para nós é absolutamente vital.

Essa é uma verdade que pode ser demonstrada de duas formas principais. O argumento de Paulo, no tocante aos pontos de vista de seus contemporâneos, foi que nada conseguiam senão estabelecer a sua própria justiça, visto que confiavam no seu zelo e sinceridade à parte do conhecimento. A causa desse erro, segundo afirmou o apóstolo, é que ignoravam a justiça de Deus; eram ignorantes não só do caminho divino da salvação, mas também daquilo que Deus exige. O próprio Senhor Jesus, certa vez, fez precisamente essa acusação contra os fariseus, quando disse: "Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus" (Lc 16.15).

Poderia haver qualquer coisa tão inútil quanto essa circunstância? Talvez tal situação possa ser vista mais claramente no

caso dos judeus dos dias de nosso Senhor e de Paulo. Apresentavam-se eles com todo o seu zelo e sinceridade, com suas boas obras e sua moralidade. Abnegavam-se e sofriam; oravam e jejuavam, contribuindo com seus bens para alimentar os pobres. No entanto, suas boas obras não tinham qualquer valor, pelo motivo simples de não serem o que Deus pedia deles. Estabeleciam os seus próprios padrões, agiam conforme suas próprias idéias e tradições e, então, eram capazes de enumerar grandes realizações e grande quantidade de atos de justiça. Contudo, aquilo não tinha valor. Não passava de justiça própria; não era justiça requerida por Deus. E o que tornava ainda mais ridícula a questão é que tinham persuadido a si mesmos de que faziam tudo isso para o agrado de Deus. Seu propósito, afirmavam, era o de agradar a Deus e de se justificarem aos olhos dEle; no entanto, em última análise, praticavam tudo a fim de agradarem a si mesmos. E tudo por não quererem ouvir o que dissera o próprio Deus e por confiarem em seu próprio zelo, em suas próprias idéias, recusando-se a serem iluminados quanto àquilo que Deus, de fato, requeria.

Ora, pensemos. Não existem, em nossos dias, os que fazem a mesma coisa? Não existem aqueles que ignoram a Palavra de Deus, que se recusam a levar em conta o evangelho, com sua luz e seu conhecimento? Que se conservam afastados da casa de Deus e de toda a forma de instrução no tocante a essas questões; que argumentam que tudo quanto é mister é que alguém seja sincero, honesto em seus negócios, que se dedique à caridade, que seja amigável e afável?

A esses precisamos dizer o mesmo que Paulo disse a seus contemporâneos — ao fazerem tudo isso estão simplesmente estabelecendo a sua própria justiça. Não pomos em dúvida a sinceridade ou a honestidade deles. Admitimos neles ambas as qualidades, tal como fez Paulo no caso dos antigos fariseus. A pergunta vital, entretanto, é: Qual é o valor de tudo isso? Não se trata do caminho de Deus. Não se trata da justiça do modo como Deus a vê, mas apenas da justiça própria. Certamente, a essência da sabedoria é que, antes de começarmos a agir ou de procurarmos

agradar a Deus, devemos descobrir o que Deus tem a dizer sobre a questão. Antes de tudo, devemos conhecer o que Deus pensa sobre a justiça e quais as exigências dEle.

Todavia, os homens e as mulheres de nossos dias, tal como os judeus da antigüidade, aceitam ordens de toda a parte, exceto da Palavra de Deus. Dependem das afirmações de alguns escritores modernos e vivem de acordo com suas próprias idéias, não segundo os ensinamentos de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Que continuem, que prossigam nesse caminho, cega e ignorantemente. Que teimem em estabelecer a sua própria justiça, rejeitando o evangelho de Jesus Cristo; e por certo chegará o dia quando descobrirão que "aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus" (Lc 16.15).

A pergunta vital a ser feita, por conseguinte, é: A quem estamos agradando, na realidade? A nós mesmos ou a Deus? Tem-nos submetido ao seu caminho? Podemos afirmar que temos sujeitado a Ele nossa vontade, entregando-a a Ele? Em caso contrário, todos os nossos atos de justiça serão como "trapo da imundícia" (Is 64.6), e em nada nos ajudarão.

A segunda maneira pela qual podemos demonstrar a futilidade da confiança no zelo, que não leva em conta o conhecimento, é lembrarmo-nos do padrão que foi estabelecido por Deus. Paulo lembrou aos seus contemporâneos o que disse Moisés, ao transmitir a lei aos judeus: "O homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela" (Rm 10.5). Essas palavras poderiam ser traduzidas da seguinte forma: "Todo que cumprir a lei, viverá por ela". Deus entregou a sua lei, a sua perspectiva acerca da retidão; e, em essência, foi isto o que Ele disse: "Se guardares tudo isso, terás obedecido aos meus mandamentos. É isso o que eu exijo. Essa é a única maneira de agradar-me".

No que consiste essa maneira de agradar a Deus? Examinemos a questão em profundidade. Falamos em agradar a Deus mediante os nossos próprios esforços sinceros. Pois bem, consideremos o que deveríamos fazer. Pode o homem fazer

expição por seus próprios erros e pecados passados? Pode ele apagar as suas próprias transgressões? Pode ele aguçar a sua consciência e limpar a sua memória? Mais do que isso, pode ele viver no presente, de modo que verdadeiramente se satisfaça? Pode ele resistir às tentações? Sempre vive o homem à altura de seus próprios padrões? Pode ele controlar os seus pensamentos, os seus desejos, as suas inclinações e imaginações, bem como cada uma de suas ações? Em outras palavras, por meio de seus mais intensos esforços, pode o homem, e consegue ele, ser bem-sucedido, vivendo, realmente, segundo suas próprias regras de vida?

Consideremos o padrão divino. Leiamos a lei, conforme foi dada aos filhos de Israel, os Dez Mandamentos e a lei moral, que Saulo reconheceu não poder cumprir, apesar de todo o seu zelo, quando percebeu o verdadeiro significado da lei. Examinemos, em seguida, o Sermão da Montanha e as várias afirmativas de nosso Senhor acerca da santidade de Deus. Ponderemos, então, a vida perfeita de Jesus. É isso o que temos de fazer. Essa é a retidão que teríamos de alcançar. Pode alguém realizar tal feito? Podem todas as boas intenções, toda a sinceridade e todo o zelo de que alguém é capaz, prover poder suficiente para escalar tão grandes alturas? Esse é o monte que temos de subir — o monte da santidade de Deus. Somos informados que, sem a santidade, ninguém jamais verá ao Senhor (Hb 12.14). Haverá alguém capaz de produzir tal santidade? Haverá poder suficiente, na minúscula máquina de nossa vida, para conduzir-nos a tão vertiginosas alturas? Indaguemos ao apóstolo Paulo. Indaguemos a Agostinho, a Lutero e a João Wesley. Façamos perguntas a todas as almas mais nobres que o mundo já viu, a todos os de espírito mais sincero e mais zeloso que a humanidade já conseguiu produzir. Então, qual poderoso coro e em voz uníssona, eles responderão, dizendo:

Não são os labores de minhas mãos

Que podem cumprir as exigências de tua lei.

Se meu zelo desconhecesse descanso,

Se minhas lágrimas para sempre se vertessem,

Nem assim seria expiado um único pecado.

Tu precisas salvar e Tu somente!

Ora, se eles fracassaram, quem poderia obter sucesso? Oh, a insensatez, a futilidade, a cegueira e a presunção de toda essa atitude! O que há de melhor em nós e tudo que somos não bastam. E salientemos que, se isso acontece com os sinceros e zelosos, quão mais inexoravelmente condenados ao fracasso são aqueles que não fazem qualquer esforço ou que continuam a viver no pecado, impensada e desatentamente, e que, na realidade, de forma nenhuma se importam com Deus!

Consideremos, por fim, a tragédia dessa posição moderna. Essa tragédia consiste em que toda essa miséria é desnecessária, em face do conhecimento que está disponível. O que levou o apóstolo Paulo a sentir isso com tanta intensidade foi, sem dúvida, que ele mesmo passara pela experiência, conforme nos diz em várias partes de seus escritos e sermões. Ele sabia o que significa alguém confiar em seu próprio zelo e sinceridade e em seus próprios esforços. Conheceu perfeitamente o esforço e a fadiga, o jejum e todos os grandes labores. Mas, conheceu, também, a sensação de incapacidade. Soubera o que significava não obter satisfação. Foi então que experimentou aquela gloriosa libertação, advinda pelo conhecimento do evangelho.

No entanto, ali estavam seus compatriotas, que ainda palmilhavam pelo caminho antigo, culpados ainda da antiga falácia, esforçando-se ainda por realizar o impossível. O apóstolo os contemplava e via o grande zelo deles e seu imenso esforço. "Quão entristecedor e quão trágico!", clamava ele; "eles têm zelo e sinceridade, mas isso não tem qualquer valor. Procuram justificar a si mesmos, mas nunca poderão fazê-lo; enquanto assim tentam e falham, deliberadamente rejeitam o conhecimento que lhes daria, na realidade, tudo quanto desejam, e mais ainda". Já era lamentável

que toda aquela energia e esforço se reduzissem a total desperdício; mas a tragédia se tornava ainda maior e infinitamente mais profunda, quando se pensava naquilo que eles poderiam ser, se ao menos aceitassem o evangelho. Não somente fracassavam, mas também rejeitavam, terminantemente, tornarem-se bem-sucedidos. Preferiam confiar em si mesmos, em seu próprio zelo e em seus próprios esforços, fracassando, ao invés de se entregarem confiadamente a Jesus Cristo, para serem salvos. Tanto desejavam fazer as coisas por si mesmos que rejeitavam o oferecimento divino da salvação eterna, como uma dádiva. Era algo posto ao alcance deles, oferecido pelos apóstolos e por outros que pregavam o evangelho, o qual afirma que "o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê" (Rm 10.4). Bastava-lhes crer que Jesus de Nazaré era o Filho de Deus, que Jesus morrera a fim de fazer expiação por nossos pecados e ressuscitara dentre os mortos, a fim de nos justificar; e eles se veriam justos aos olhos de Deus, recebendo perdão para seus pecados. Diziam querer estar corretos diante de Deus; no entanto, recusavam, deliberadamente, o único meio de alguém ver corrigida a sua posição diante de Deus.

O que se pode dizer, entretanto, acerca do homem moderno? Não se encontra ele em situação idêntica? Não está ele confiando em si mesmo a fim de salvar-se, através de sua sinceridade e de seus esforços pessoais? Por que razão continua ele rejeitando o evangelho concernente a Jesus Cristo, à sua morte expiatória e à sua gloriosa ressurreição? Reflitamos, uma vez mais, na total insensatez e futilidade dessa posição moderna. Contemplemos de novo a tarefa com que nos defrontamos e o que ela exige de nós. Trata-se de algo inteiramente impossível para o homem, se este conta tão somente com os seus próprios esforços. Procuremos pensar no que significa estar na presença de Deus; e, se o leitor puder perceber, em qualquer extensão, o que isso quer dizer, então será compelido a concordar com aquele que escreveu:

Luz eterna! Luz eterna! Quão pura deve ser a alma,
Quando, sob tua luz perscrutadora, Não retrocede, mas,
com calmo deleite, Pode ainda viver e olhar para Ti!

Oh, como poderei eu, cuja esfera nativa É negra, cuja
mente é embotada, Comparecer diante do Inefável,
Suportando, com meu espírito desnudo, Aquele Raio de
Luz não-criado?

Como é que alguém poderia ser elevado à perfeita pureza?
Como é que todo o nosso zelo e toda a nossa sinceridade poderiam
levar-nos até ali? O caminho ímpar e único é esboçado na terceira
estrofe:

Há um caminho para o homem subir Àquela habitação
sublime: Há uma oferta e um sacrifício, Há as energias
do Espírito Santo, Um Advogado diante de Deus.

O Filho de Deus veio a fim de morrer por nós e por nossos
pecados. Agora Ele se oferece para revestir-nos de sua própria
retidão, para apresentar-nos inculpáveis perante Deus, na eternidade.
Não há necessidade de nos esgotarmos mais ainda em esforços vãos.
Não há mister de uma heróica e mui aplaudida procura por Deus.
Cumpre-nos apenas deixar nossos pecados com Jesus, porquanto
Ele é a propiciação pelos nossos pecados e pelos pecados do
mundo inteiro (1 Jo 2.2). Tudo quanto há em nós ainda não basta.
Mas Cristo é todo-suficiente. O zelo e a sinceridade, sem o
conhecimento que vem somente por intermédio de Cristo, são vãos e
inúteis. Mas, "se, com a tua boca, confessares a Jesus como Senhor
e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos
serás salvo" (Rm 10.9).

4. A SIMPLICIDADE DO EVANGELHO

Passemos agora a uma consideração mais direta e positiva acerca do que o evangelho de Jesus Cristo tem a dizer a respeito do homem, de seus males e dificuldades e suas respectivas curas e tratamentos. Ao fazermos isto, ficamos impressionados ante o fato que o evangelho, em completo contraste com todas as idéias e teorias rivais, se caracteriza, acima de tudo, por sua simplicidade essencial e por sua objetividade. Não quero ser compreendido como se dissesse que o evangelho é simples no sentido de que eu ou qualquer outro possamos entendê-lo, assimilando-o plenamente com nossa capacidade mental; mas antes, que ele é essencialmente simples quanto a seu ponto de vista e abordagem sobre a vida. No que tange ao próprio evangelho, em tudo quanto ele significa e deixa implícito, nada mais temos a fazer do que reconhecer a nossa debilidade e nulidade, clamando como o apóstolo Paulo: "Evidentemente, grande é o mistério da piedade" (1 Tm 3.16). O evangelho nos deixa atônitos, devido à sua imensidão. As suas suposições básicas transcendem nossos mais elevados pensamentos e filosofias. Por toda a eternidade, nunca haveremos de compreender totalmente o evangelho; mas, apesar de não podermos afirmar que o compreendemos plenamente ou que ele seja simples, em si mesmo, podemos entender e assimilar a sua perspectiva sobre a vida. Portanto, podemos dizer que as suas principais características são a simplicidade e a objetividade.

A distinção nisso envolvida é vital. Desejo enfatizá-la por acreditar que há um grande número de pessoas, longe da igreja e de Cristo, nestes nossos dias, apenas por não terem ainda apreendido essa distinção tão importante. Tais pessoas têm confundido o que significa entender as operações do evangelho com entender o próprio evangelho. Parece que resolveram não permitir que o evangelho atue sobre suas vidas, enquanto não compreenderem o próprio evangelho. Segundo esclarecem, a razão para isso é que não desejam cometer suicídio intelectual, submetendo-se passivamente àquilo que não

compreendem.

O temor da passividade é um temor aconselhável e genuíno, porquanto existem muitas espécies de poderes, ao nosso redor, que estão prontas a nos possuir; e, geralmente, os que não criticam — os que se recusam a pensar e a discernir — são os que se tornam as primeiras vítimas da última "onda" ou seita. O evangelho não confere qualquer prêmio à nossa ignorância. De fato, ensina-nos que devemos utilizar a mente e os poderes de que fomos dotados por Deus. Mas ao sugerir-se que, quando nos submetemos ao evangelho e permitimos que ele influencie as nossas vidas, estamos cometendo suicídio intelectual, simplesmente por não podermos entendê-lo, isto faz parecer que somos culpados de um engano e que nosso comportamento é exagerado e irracional.

Permita-me ilustrar. É evidente que sabemos muito mais acerca de luz e de calor do que sabemos acerca do próprio sol, não é? Em outras palavras, compreendemos consideravelmente a respeito das funções e das operações do sol, ao passo que o próprio sol, em sua natureza e constituição essenciais, permanece um mistério para nós.

Tomemos a eletricidade como outro exemplo. Nessa área, também, sabemos muito mais acerca de seu uso do que acerca da sua própria natureza. Nada de insensato existe em nos valermos da eletricidade e de recebermos os benefícios por ela oferecidos, embora não compreendamos o próprio fenômeno da eletricidade, ainda que não nos mostremos passivos quando a utilizamos. Há muitos testes que podem ser aplicados e há muitos princípios que têm sido descobertos e desenvolvidos, a respeito da eletricidade e de seu uso. Podemos saber muita coisa no tocante a esses princípios, sem compreendermos a natureza essencial da própria eletricidade. Esse conhecimento, por exemplo, salva-nos do perigo de pormos a mão sobre fios eletrificados. Embora não possamos compreender o que significa alguém dizer que "o elétron se move em sua órbita, ao redor do próton, dentro do átomo, um quatrilhão de vezes por segundo", podemos entender bastante acerca das operações da

eletricidade e, até certo ponto, podemos testar e medi-la com exatidão.

No terreno religioso e teológico dá-se quase o mesmo. O mistério da piedade continua sendo e sempre será um mistério. Tal fato, conforme foi concebido e planejado na mente de Deus, é inescrutável e infinito; e, quando nos pomos a meditar nele, ficamos perplexos. Mas não é esse o caso no tocante aos efeitos, resultados e operações do evangelho. Nesse particular, podemos aplicar certo número de testes. Podemos comparar o Antigo Testamento com o Novo. Podemos confrontar textos bíblicos, contando com hábeis manuais de instrução, escritos pelos apóstolos e por outros, nenhum dos quais pode ser acusado de falta de intelectualidade. No tocante ao ponto de vista do evangelho acerca da vida e ao remédio que ele oferece para os males da vida, podemos dizer que o evangelho se caracteriza, acima de tudo, em contraste às demais idéias, por sua simplicidade essencial e por sua objetividade. Essa é a explicação do aparente paradoxo que, o evangelho, por um lado, sempre deixou e continua deixando perplexos os maiores filósofos que o mundo já conheceu, mas, por outro lado, pode salvar até a uma criança.

Outra contradição aparentemente estranha é que homens e mulheres, ao invés de se gloriarem e se regozijarem na simplicidade do evangelho, quase invariavelmente têm feito objeção à mesma. Esse ponto de vista tem se mostrado dominante não apenas fora da igreja, mas, com frequência, até mesmo em seu interior. Basta que comparemos a Igreja Católica Romana com a igreja neotestamentária, para que percebamos claramente essa contradição. A tendência humana sempre será fazer a religião tornar-se intrincada, complexa; e essa tendência é marcante em nossa época. Assim como a vida em geral vai se tornando mais complexa a cada dia, assim também a religião tende a ser afetada pela complexidade.

No mundo secular, a vida moderna se tornou complexa e sofisticada; em todas as direções se vê organização e multiplicidade

de maquinaria burocrática. Agitação e negócios, conferências e convenções são a ordem do dia. Jamais a vida neste planeta esteve tão complicada. A desculpa dada para isso é que os problemas são imensos! Princípios têm sido esquecidos. As verdades simples estão sendo ignoradas, e os homens passam o seu tempo efetuando conferências a fim de sondar suas dificuldades.

A mesma inclinação se vê no mundo religioso. Parece ter ficado subentendido que, se os negócios humanos são tão difíceis e complicados, então os negócios divinos devem ser ainda mais complicados, por serem ainda maiores. Daí se origina a tendência por aumentar o cerimonial e o ritualismo, multiplicando organizações e atividades, associações e instituições. O argumento continua o mesmo, a saber, que à medida em que vão aumentando os problemas e dificuldades da vida, assim também a igreja deverá ir ampliando a sua organização e aprimorando os seus métodos. Essa argumentação, em síntese, diz ser ridículo afirmar que os vastíssimos problemas da vida atual podem ser solucionados de maneira aparentemente simples como a sugerida por aqueles que pregam o evangelho à antiga maneira.

No que concerne a essa acusação, há duas respostas principais. A primeira é que sempre é muito perigoso argumentar a respeito de Deus, tomando o homem por base, pressupondo que aquilo que é verdade no tocante ao homem, sempre é verdade no tocante a Deus, ainda em maior medida. Ainda que a Bíblia sugira que apesar dessa conclusão até certo ponto parecer veraz no princípio, tudo se modificou devido à entrada do pecado neste mundo. Enquanto o homem não caiu em pecado, a vida foi simples. O efeito do pecado, desde o princípio, foi o de criar complicações e dificuldades.

Esse fato é perfeitamente ilustrado nos primeiros capítulos do livro de Gênesis. Podemos ver isso no caso de Adão e Eva. Podemos percebê-lo, ainda mais claramente, no caso de Caim, que foi o primeiro a erigir uma cidade. Vemo-lo mais tarde, na tentativa de levantarem a torre de Babel. De fato, essa verdade é demonstrada por toda a parte. Na verdade, à medida em que nos

afastamos de Deus, a vida vai se tornando mais emaranhada e complexa. Isso pode ser percebido não somente na Bíblia, mas, de igual modo, na história subsequente. A reforma protestante simplificou não apenas a religião, mas também a vida em seu todo, o que também ocorreu na época do Puritanismo e do despertamento da evangelização, no século XVIII. A vida religiosa verdadeira é sempre simples.

Realmente poderíamos ir mais adiante, dizendo, com toda a reverência, que nada há de tão característico nas operações de Deus, em todas as áreas, quanto a sua simplicidade e ordem essenciais. Olhemos para onde quisermos e veremos Deus sempre operando com base em um esquema sem complicações. Pode-se ver como Deus repete as estações, ano após ano — primavera, verão, outono e inverno. Examinando uma flor ou dissecando um animal, descobriremos que o padrão básico da natureza sempre é simples. A simplicidade é o método divino. Seria porventura razoável crermos que, no assunto mais vital de todos, a salvação do homem e a correção de sua vida, Deus poria de lado abruptamente o seu próprio método, tornando-o intrincado e complexo? Sugerir tal coisa é sugerir uma contradição na mente do próprio Deus.

Mas, ocasionalmente temos forte suspeita de que a objeção ao caráter direto e simples do evangelho não é de natureza puramente intelectual, como querem que acreditemos. A verdadeira objeção encontra-se em outros motivos. Nada é mais conveniente e confortável do que o senso de que a religião é nebulosa e vaga. Enquanto ela for mantida nebulosa e indefinida, enquanto os seus seguidores puderem manter-se ocupados com diversas atividades, eles poderão persuadir-se de que tudo vai bem consigo. Não havendo definições claras e precisas, a religião não causa qualquer incômodo. Quanto mais complicada tanto mais acomodadora e confortável ela se mostrará. Nada existe de tão desconcertante como o evangelho puro e direto, o qual, despido de vãs decorações e adornos e ignorando tudo quanto não é essencial e fingido, desmascara a alma e a desnuda, projetando sobre ela a luz de Deus. É bem mais fácil apreciar a cerimônia e o ritual, mergulhar em

conceitos vagos e idealistas, com aparência de grande importância, e ocupar-se com ações filantrópicas — como essas coisas são muito mais gratificantes para a natureza humana — do que enfrentar as questões diretas e simples da Palavra de Deus! Os idealistas e humanistas, raramente, ou mesmo nunca, são perseguidos.

Deixando tudo isso de lado, passemos a considerar positivamente a perspectiva do evangelho a respeito da vida e a examinar a solução apresentada por ele para os problemas da vida. Se olharmos, à luz de algumas palavras proferidas pelo Senhor Jesus Cristo, talvez observemos mais claramente não haver algo mais característico do evangelho que sua simplicidade essencial. Jesus declarou: "São os teus olhos a lâmpada do teu corpo; se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; mas, se forem maus, o teu corpo ficará em trevas" (Lc 11.34). Se observarmos o simbolismo dessas palavras, seremos capazes de perceber com clareza a simplicidade do evangelho. Nosso Senhor nos diz que aquilo que o olho é para o corpo, quanto à questão da luz, assim é a alma para o homem; e assim também é o indivíduo para a sociedade. Por conseguinte, percebe-se que há no homem algo vital e central. O homem não é mera coletânea e agregado de partes. Em sua vida há um centro denominado alma, que é tão vital para o seu viver quanto o olho é para o corpo, em relação à luz. Vemos, pois, que o evangelho não tem um ponto de vista mecânico acerca do homem. Existe também aquele poder central, aquela porção vital intitulada alma. É sobre essa porção que precisamos concentrar a nossa atenção.

Com esse simbolismo em mente, vejamos o que o evangelho tem a dizer a respeito da vida. O primeiro princípio é que, face com os problemas da vida, há uma só coisa que precisa ser examinada, a saber, o olho, a janela da alma. Por ser o olho a luz do corpo, ele é a única coisa que precisa ser examinada, porque se o olho é bom, então o corpo inteiro é luminoso. Porém, se o olho é mau, o corpo inteiro está mergulhado em trevas. Portanto, tudo depende do olho. A condição do olho é a grande coisa que importa; e nosso Senhor passa a acrescentar uma solene advertência, no

versículo seguinte: "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11.35). Quão magistral é o evangelho, e quão completamente ele nos conhece! Quão direto é ele, em sua abordagem! Ignorando as trivialidades e o que não é essencial, imediatamente chega ao âmago da questão.

Essa simplicidade objetiva é perfeitamente ilustrada em muitos trechos das Escrituras. Pode ser vista, por exemplo, em um incidente que se seguiu imediatamente após nosso Senhor ter proferido as palavras acima. A pedido de certo fariseu, Jesus foi tomar uma refeição com ele, em sua casa, e logo se assentou para comer. Ao observar sua atitude, o fariseu admirou-se por Jesus não ter se lavado, antes de tomar a refeição. Ora, o leitor deve estar lembrado da resposta que lhe foi dada pelo Senhor. Voltou-se para ele e fez uma severa denúncia contra os fariseus, os seus métodos e os seus pontos de vista. Aqueles que tanto cuidado tinham com o exterior do copo e do prato, esqueciam-se do interior de si mesmos, o que é infinitamente mais importante. Eram técnicos em coisas externas e não-essenciais, mas ignoravam aquilo que mais importava. Guardavam regras e regulamentos; observavam grandes cerimônias e rituais. Eram técnicos quanto às minúcias. Davam o dízimo do endro e do cominho, mas desprezavam o juízo e o amor de Deus. Sabiam tudo quanto estava no âmbito da lei, mas ignoravam o próprio âmago dela, que era glorificar a Deus. Conforme Cristo lhes disse, em outra ocasião, apegavam-se à letra da lei, mas ignoravam o seu espírito. Honravam a Deus com seus lábios, mas seu coração estava longe dEle.

Isso pode ser utilizado como um exemplo típico da maneira como o evangelho examina o problema do homem. Preocupa-se exclusivamente com um elemento, a alma. Embora um homem possa estar certo em muitas questões, conforme os fariseus obviamente estavam, de nada adianta isso, se estiver equivocado quanto ao centro de tudo, isto é, a alma. Pois, se o homem se mostra faltoso nesse particular, o que parece luz nada é senão trevas terríveis e tanto mais sinistras, porque parecem ser luz. É o olho, apenas, que interessa. O evangelho conta somente com um teste, a ser aplicado

em primeira instância.

Quão lamentavelmente essa verdade vem sendo ignorada nestes dias. Quão diferentes são os testes que os homens aplicam ao problema do homem. Temos esquecido o grande pronunciamento acerca da unidade da personalidade humana. Tendemos por ignorar o homem em si, ao nos interessarmos por suas várias partes, pelas diversas fases de sua vida e de suas atividades. Não é de surpreender, pois, que a humanidade se ache no presente impasse e que todas as tentativas feitas para curar os seus males sempre redundam em fracassos completos; porque o homem nem ao menos sabe como examinar a situação, quanto menos a maneira de tratá-la.

Quão numerosas são as perguntas feitas pelos homens! Quão amplo é seu campo de investigação, quão irreconciliáveis são as suas opiniões no tocante ao que realmente interessa! Eles continuam a examinar, a pesquisar, a investigar e a aplicar os seus próprios tratamentos; mas o impasse persiste. Alguns, tal como os antigos fariseus, só se preocupam com a aparência externa. O único teste que aplicam é o da moralidade externa e da respeitabilidade. Para outros, talvez, a questão de maior importância é a opinião que se tenha sobre o tema da guerra ou da paz, ou sobre o alcoolismo, a educação ou a moradia. Enquanto as nossas perspectivas sobre essas questões os satisfazem, concordam que somos cristãos; e é extraordinário notarmos o zelo e o vigor, sem mencionar o espírito abrasado e polêmico, com que estão preparados a pregar e a propagar essas perspectivas. Para outros, ainda, a única e vital questão é a nossa inteligência e entendimento sobre certas idéias e princípios filosóficos. Para essas pessoas, antes de tudo e principalmente, um cristão é alguém que concorda com um certo número de proposições filosóficas gerais.

As várias escolas em que os pontos de vista modernos estão divididos são quase intermináveis em seu número. Na realidade, tais pontos de vista são quase tão numerosos quanto os detalhes da lei, acerca dos quais os fariseus antigos eram tão hábeis. O homem,

segundo eles, deve estar correto quanto a isto ou aquilo, e nada mais importa.

Que burla total do evangelho! Quão falso é isto para com o seu método! O que se entende é que as várias porções do corpo estão sendo examinadas, mas não o centro, o próprio olho, e este somente. Não obstante, o evangelho conta apenas com um teste preliminar. Não se trata de nossa conduta externa ou de nossas boas ações. Nem se trata de nossa inteligência ou de nossa opinião acerca de alguma questão social. O ponto crucial não é nossa riqueza ou pobreza, nossa erudição ou ignorância. A questão consiste em uma única coisa. Qual é a nossa posição diante de Deus? À parte de tudo quanto somos e de tudo quanto fazemos, o que dizer a nosso próprio respeito? E o próprio homem, em sua profundidade e em seu centro, o que realmente importa. O motivo é mais importante do que a ação. O invisível é mais importante do que aquilo que se vê. O corpo é mais importante do que a veste. A alma é mais importante do que a própria vida física. A questão vital, a única realmente importante, é como nos encontramos, quando estamos sós, na presença de Deus. Nosso olho é singular? É ele claro? A luz de Deus tem penetrado em nosso ser, invadindo-o inteiramente? Esse é o único ponto que precisa ser determinado.

Em face do que acabamos de ver, é perfeitamente claro, em segundo lugar, que de acordo com o evangelho só há uma coisa que precisa ser tratada. A razão disso é evidente e se auto-recomenda. Se o olho é causa de comportamento descontrolado, a maneira de melhorar a conduta é tratar do olho.

Afirmo que isso é óbvio para todos quantos têm seguido o primeiro passo e visto qual é a causa precisa da dificuldade. Para ninguém mais isso é evidente; nada existe de tão claro, no mundo moderno, como o fato de que esse princípio da unidade do homem não está sendo reconhecido. Porquanto a base da sociedade moderna e especialmente a base dos diversos esforços propagados mais enfaticamente, a fim de aprimorar a humanidade, firma-se sobre a suposição contrária. Conforme já pudemos indicar, a falácia por

detrás dessa errônea maneira de pensar é que o próprio homem está sendo esquecido, embora as diferentes partes do homem e sua vida estejam sendo tratadas. A suposição é: uma vez que o homem é corrigido quanto a este ou àquele particular, o resultado será, ao final, que ele estará inteiramente correto. Essa é a análise racional da crença moderna naquilo que se chama de aplicação social do evangelho. Também é essa a base das inúmeras sociedades que atravancam o terreno religioso, tal como cogumelos. Esse é o pano de fundo da crença que, por intermédio de maior conhecimento e instrução, serão curados os males da humanidade.

Nunca o mundo esteve mais ocupado em tratar de si mesmo do que nos últimos cem anos. Na realidade, essa posição vem sendo defendida a tanto tempo que a pessoa se vê, às vezes, tentada a indagar qual a razão para o mundo continuar enfermo e precisar de tratamento, a despeito de todo o avanço e desenvolvimento dos últimos cem anos. Como continuam os problemas, se a idade áurea começou nos meados do século XIX? Não há dúvida, porém, quanto à persistência desses problemas. Basta olharmos ao redor, para contemplarmos uma fêrvida atividade. Associações e movimentos contra este ou aquele pecado em particular, organizações que propalam vários ensinamentos por toda a parte, e tudo sob os auspícios de pessoas famosas e eruditas. Não existe uma única fase, na vida e nas atividades do homem, que não esteja sendo explorada. O seu corpo, a sua mente, os seus prazeres — tudo. Nunca o mecanismo para tornar a vida feliz e aprazível foi mais elaborado e aperfeiçoado.

Mas, quais têm sido os resultados? Esta indagação, que vem sendo ignorada há tanto tempo, finalmente está se tornando foco de atenção. Todos os esforços parecem ter resultado em fracasso; e isso pela inequívoca razão que já temos considerado, a saber, que o homem, propriamente dito, tem sido esquecido. O homem pode ser corrigido em muitos aspectos, e ainda assim continuar miserável e infeliz em seu íntimo. Não temos todos nós conhecido homens que são argutos, cultos, dotados de boas maneiras, populares, os quais, até onde podemos perceber, têm tudo em seu favor, possuindo tudo

quanto poderiam desejar, mas que, não obstante, sentem-se totalmente fracassados na vida, e intimamente miseráveis? Tais homens conseguem controlar qualquer pessoa e qualquer coisa, menos a si mesmos. Um homem pode ser arguto. Pode ter pontos de vista idealistas sobre a maioria dos assuntos. Pode realizar muitos atos beneficentes. Mas permanece a pergunta: Quais são os seus motivos? Ele está correto no homem interior?

Uma perfeita ilustração dessa verdade se acha nas páginas do Novo Testamento, no caso do jovem rico. Ali estava um homem que era correto em muitas facetas da vida; no entanto, ao se defrontar com nosso Senhor, reconhecia que tinha uma necessidade real, bem como um vazio exatamente no centro de sua vida. Porventura não sucedeu a mesma coisa com Martinho Lutero, antes de sua conversão? Ele vinha passando o seu tempo em jejuns, orações e sacrifícios pessoais. Procurava endireitar a sua vida com remendos; no entanto, apesar de seus esforços heróicos, continuava se sentindo miserável e infeliz em sua alma. Porém, quando a gloriosa doutrina da justificação pela fé finalmente raiou em seu coração, Lutero se viu corrigido no íntimo e Veio a ser o poderoso reformador, cujas obras conhecemos.

João Wesley pode servir de outro exemplo sobre a necessidade de Cristo ocupar o centro da vida do homem. Nunca houve homem mais sincero e honesto. Nunca houve homem que despendesse mais tempo e energias para o aprimoramento de si mesmo. Sofreu perseguição, em Oxford, a fim de poder pregar aos prisioneiros na cadeia pública. Eventualmente, ele desistiu da universidade e dos seus planos para o futuro e atravessou o oceano Atlântico, para pregar aos escravos do Estado norte-americano da Geórgia — tudo no esforço de endireitar-se. No entanto, descobriu que embora houvesse tocado em muitos aspectos e partes de sua vida, no íntimo continuava infeliz e derrotado. Então, ele nos relata quão quietamente, em uma reunião na sala de uma casa da rua Aldersgate, em Londres, ele, de repente, sentiu seu coração estranhamente aquecido. O próprio João Wesley, afinal, fora corrigido no centro de seu ser. Sua alma chegara àquele conhe-

cimento direto de Deus, que só se pode encontrar em Jesus Cristo. Seu olho se tornara singelo, e João Wesley se tornou um novo homem.

Quão complexo e emaranhado é o tratamento moderno das diversas partes da vida do ser humano! E quão inútil, por igual modo, é esse tratamento, já que o princípio central não está correto. Se o olho é maldoso, o corpo inteiro, por semelhante modo, será tenebroso, por maior que seja o esforço de iluminar as diferentes partes do ser. Se o manancial é venenoso, o riacho que dali se origina contém continuamente o veneno, por maior que seja o esforço de limpar os baldes de água dali tirados. Tiago assim expressa essa idéia, em sua epístola: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?" (Tg 4.1). Ou, conforme nosso Senhor nos relembra: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias" (Mt 15.19).

Por conseguinte, o que precisa ser tratado é o centro, o coração, a causa da dificuldade, e não apenas as suas diversas manifestações. "Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom, ou a árvore má e o seu fruto mau" (Mt 12.33), conforme o Senhor nos exortou. O tratamento deve começar no centro. Não é o que o homem faz, ou o que ele sabe, nem qualquer outra coisa a respeito dele mesmo que precisa ser acertado, mas é o próprio homem que deve ser corrigido, em seu relacionamento central e básico com Deus. É muito deficiente o médico que trata somente dos sintomas e das complicações, mas ignora a própria enfermidade. A enfermidade, nesse caso, é a condição manchada e defeituosa da alma humana, como resultado do pecado. Seu olho espiritual está anuviado e cego. A luz de Deus não pode entrar ali. Todas as trevas que há em seu interior, devem-se exclusivamente a isso. Basta tratar este aspecto. Quão simples e direto é o evangelho!

Igualmente veraz é a declaração que diz: se aquilo que precisa ser tratado for corrigido, o resto acontecerá naturalmente. O termo

"portanto", empregado pelo Senhor, destaca esse ponto mui claramente. "Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!" (Mt 6.23). E, novamente: "Se, portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente como a candeia quando te ilumina em plena luz" (Lc 11.36). Fica óbvio que, se o evangelho não pode confirmar essa declaração, tudo o que foi dito é oco e inútil. A argumentação em favor do evangelho fica de pé ou cai mediante essa assertiva.

Isso torna-se tanto mais claro quando se observa que nenhuma linha de ataque tem sido tão freqüente quanto a acusação contra a antiga maneira de apresentar o evangelho. A acusação diz que tal apresentação não aborda os problemas e condições sociais. Por muitas vezes tem sido afirmado que a pregação do evangelho pode ser adequada para produzir a salvação pessoal, mas tem falhado sempre em tratar com o homem como um ser social.

Entretanto, esse é um desafio que pode ser facilmente refutado, porquanto se alicerça ou sobre a falta de conhecimento dos fatos da história ou sobre a deliberada ignorância desses fatos. Pois a verdade é que nada existe de tão glorioso, nos anais da história eclesiástica no passado, como o modo pelo qual essa declaração do evangelho tem sido confirmada e demonstrada. Porventura, afirmar que os períodos melhores e mais gloriosos da história da raça humana têm sido aqueles que seguiram períodos de avivamento e despertamento, quando as verdades do evangelho foram enfatizadas, não seria afirmar a pura verdade? Períodos como o da Reforma protestante, como o dos Puritanos e como o do grande despertamento evangelístico do século XVIII, certamente comprovam isso com clareza. Poderia alguém negar que o movimento que visa dar educação às massas encontrou sua origem exatamente nos períodos de avivamento? E não é um fato bem conhecido que o progresso no campo da medicina, a abertura de hospitais e a abolição da escravatura podem ser atribuídos exatamente aos mesmos períodos?

E, à medida em que o progresso é visto por toda a parte, assim

também esse fato tem se repetido por milhares de vezes, em instâncias específicas. Homens que têm sido escravos e vítimas impotentes do pecado, os quais têm reduzido suas famílias e lares à mais abjeta pobreza, uma vez convertidos e trazidos a Cristo passam a transformar suas condições de vida e seu ambiente. Ao regenerar um homem, o evangelho altera até mesmo a sua aparência pessoal. O homem passa a dar nova atenção às suas vestes, à sua esposa e a seus filhos; até mesmo os móveis de sua casa são mudados, e o aspecto de suas propriedades é melhorado. Uma vez que o homem, em seu íntimo, é corrigido, passa a endireitar tudo o mais ao seu redor. O grande movimento em prol da educação popular, nos séculos XVIII e XIX, resultou diretamente do despertar dos homens, sob influência do evangelho, para que usassem corretamente suas capacidades mentais. Eles começaram a mostrar o desejo de ler a Bíblia, de se familiarizarem com as questões culturais e de procurar entender a vida. O número de transformações decorrentes daquele grande despertar espiritual é quase interminável. Podemos apresentar outra ilustração, usando o seguinte quadro: se o manancial é purificado, as correntes de água serão igualmente puras; se a enfermidade é tratada e curada, os sintomas também desaparecerão.

No entanto, não precisamos expor esse argumento meramente nessa forma negativa, como se estivéssemos na defensiva. Podemos tomar uma atitude positiva, declarando que nada mais existe que tenha produzido, ou seja capaz de produzir, condições sociais verdadeiramente aprimoradas, senão o evangelho. Consideremos os esforços de melhoria humana e o aprimoramento de condições que têm caracterizado os últimos cem anos. Entretanto, conforme já indagamos, a que tudo isso nos tem conduzido? Apesar da multiplicação de nossos esforços, basta-nos contemplar o nosso mundo moderno para notar que o fato de educarmos o homem e lhe darmos casas melhores não garante, necessariamente, que teremos homens melhores e uma existência melhor. A dificuldade da humanidade é tão profunda e radical que não pode ser curada com remédios. Todos os problemas começam no centro, no olho,

na alma do homem, os quais ficaram nebulosos. E, enquanto o âmago não for purificado, não poderá haver esperança real de melhoramento. Mas, "se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso" (Lc 11.34).

Somos levados, pois, à conclusão de que só existe um único tratamento que pode curar o olho enfermo do homem. Não precisamos desperdiçar nosso tempo em busca de outra coisa. Não temos necessidade de continuar gastando dinheiro naquilo que não é pão. Podemos cessar a nossa procura por "spas" espirituais, em nossa busca por saúde e completo bem-estar.

O mundo tem se esforçado ao máximo para limpar seus próprios olhos espirituais. Invenções após invenções têm surgido. Lentes e óculos de todas as cores, formatos e tamanhos nos têm sido oferecidos e altamente recomendados por grandes e bem conhecidos líderes. Com grande freqüência, tem-nos sido garantido que, finalmente, foi descoberta uma lente com suficiente poder de aumento que nos capacitará a ver, permitindo que a luz penetre em nossos olhos cegos e ilumine o nosso ser por inteiro.

A despeito de tudo isso, a humanidade continua não enxergando e prossegue no pecado e na miséria. A deformação se acha em lugar por demais profundo. A nebulosidade e a cerração não se acham fora do olho, e, sim, dentro desse órgão. Todos os nossos esforços próprios e nossos melhores medicamentos deixam-nos precisamente onde nos encontrávamos. De fato, quando lemos as biografias dos peritos no assunto ou chegamos a conhecê-los pessoalmente, descobrimos que eles mesmos nada podem ver; e, tal como o filósofo alemão, Goethe, em seu leito de morte, freqüentemente terminam suas vidas com o clamor: "Mais luz". Poderia um cego guiar outro cego? Esses homens possuem conhecimentos a respeito de muitas questões e de muitos fenômenos; mas, no âmago, são tão cegos como os demais. A mancha do pecado é tão profunda que os mais poderosos ácidos, conhecidos pelo homem, não podem fazê-la desaparecer.

Será tudo inútil? Porventura não há cura? Estaríamos todos

condenados, por conseguinte, à cegueira perpétua e a andar sempre em trevas? Só existe uma esperança. Só existe uma resposta. Só existe uma cura. De acordo com o evangelho, Jesus de Nazaré é o Filho unigênito de Deus. Ele veio a esta terra por causa da cegueira da humanidade, porque o homem fora iludido pelo deus deste mundo. Cristo veio e nos trouxe aquele tratamento que é o único capaz de nos valer. Mediante a sua morte expiatória, que Lhe importou em sacrifício, e mediante a sua ressurreição, Ele removeu a mancha da culpa do pecado. Trouxe-nos vida nova e poder para os nossos nervos óticos espirituais enfermos e paralisados. Ele nos capacita a vermos Deus, a contemplarmos a face de nosso Pai. E, ao olharmos para Ele, a luz daquela fisionomia eterna se irradia por todo o nosso ser. Cristo declarou: "Eu ' sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Essa declaração tem sido comprovada por inúmeras experiências. Jesus também afirmou ser "a luz do mundo" (Jo 8.12), e que todo aquele que O seguisse não mais teria de caminhar em trevas, mas antes, desfrutaria da "luz da vida" (Jo 8.12). Cristo é o único que pode reconciliar-nos com Deus, capacitando-nos a ver e a conhecer Deus. Portanto, a mensagem do evangelho para este mundo moderno e conturbado é que, com simplicidade, os homens precisam tão-somente oferecer esta oração:

Espírito Santo, verdade divina,

Raia sobre esta minha alma.

Palavra de Deus e luz íntima,

Desperta meu espírito, aclara-me a vista.

A mensagem do evangelho declara, com toda a garantia, que todos quantos oferecerem essa oração com sinceridade e verdade poderão dizer, juntamente com o apóstolo Paulo, que resplandeceu em seus corações a luz "do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2 Co 4.6).

5. O EVANGELHO CONTINUA RELEVANTE?

O evangelho de Jesus Cristo confronta e desafia o mundo moderno com a declaração de que somente o evangelho tem a resposta para todas as perguntas do homem, bem como a solução para todos os seus problemas. Em um mundo que procura saída para suas tragédias e tribulações, o evangelho anuncia que a solução já se acha disponível. Em um mundo que olha ansiosamente para o futuro e que fala em planos relativos a ele, o evangelho proclama que esta busca por outra saída não apenas está errada quanto à sua direção, como também é inteiramente desnecessária. O evangelho denuncia o hábito fatal de colocarmos as nossas esperanças em algo que virá a acontecer e afirma que tudo quanto é necessário para os homens, individual e coletivamente, já foi posto à disposição da humanidade há quase dois mil anos. Pois, a mensagem central do evangelho para os homens é que tudo quanto é mister para a salvação deles se encontra na pessoa de Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus. O evangelho proclama que Cristo é a revelação plena e final de Deus. Em Cristo, em sua vida e em seus ensinamentos vemos aquilo que o homem deve ser e qual o tipo de vida que ele deve viver. Na morte de Cristo sobre a cruz, podemos ver o pecado do mundo finalmente desmascarado e condenado. Através de sua morte, vemos o único meio pelo qual o homem pode reconciliar-se com Deus. É exclusivamente dEle que podemos receber vida nova, obtendo um novo começo. Somente quando recebemos dEle o poder, então podemos viver aquela vida que Deus tencionou que vivêssemos.

De fato, o evangelho vai mais adiante e assegura-nos que Cristo está assentado à mão direita de Deus, em poder reinante, e que continuará a reinar até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. O evangelho proclama que chegará o tempo quando, ao nome de Jesus, se dobrará "todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra" (Fp 2.10). Portanto, o evangelho de Jesus Cristo confronta o homem, exorta-o a arrepender-se dos seus

pecados e a olhar para aquela Pessoa sem par, que esteve nesta terra há quase dois mil anos passados, a única em quem se pode achar a salvação.

No entanto, todos temos consciência de que a expiação operada por Cristo, conforme apresentada nas Escrituras, é altamente desagradável para a mente moderna. Não existe razão tão freqüentemente apresentada, como explicação para a rejeição do evangelho, quanto o fato de que ele é antiqüíssimo. Em geral, as pessoas deste século consideram que os crentes se acham nessa posição ou por serem lamentavelmente ignorantes ou, então, por se terem tornado retrógrados e se recusarem a enfrentar os fatos. Para o homem moderno, nada é tão ridículo como a sugestão de que tudo quanto ele precisa hoje em dia, é de algo que vem sendo continuamente oferecido à humanidade por quase dois mil anos. Na realidade, o homem moderno recebe como insulto a afirmação de que, apesar de todo o seu conhecimento, progresso e sofisticação, espiritualmente falando ele permanece precisamente na mesma condição na qual têm estado todos os homens, através da longa história da humanidade. Ele supõe que qualquer coisa que seja muito antiga não pode ser adequada para satisfazer as necessidades da situação moderna. Por esse motivo, a vasta maioria das pessoas nem ao menos pára, a fim de considerar o evangelho. Argumentam elas que algo tão antigo não pode ser relevante para os nossos dias.

Ora, que tem o evangelho a dizer, diante de tal atitude e tal crítica? Em primeiro lugar, podemos mostrar que tal atitude é totalmente ilógica, sendo demonstração de puro preconceito. Se não estivéssemos tratando da questão mais séria e importante da vida, seria fácil mostrar que existem aspectos, nessa questão, que são os mais ridículos. Seja como for, podemos frisar que as pessoas que rejeitam o evangelho de imediato e que se recusam ao menos a considerá-lo, por ser tão antigo, são culpadas de não estarem aplicando essa razão e lógica que elas supõem possuir. Podemos mostrar que muitos de seus próprios argumentos se voltam contra elas.

Por exemplo, nada existe que tais pessoas gostem tanto de reivindicar para si mesmas quanto aquilo que se deleitam em chamar de mente aberta. Apreciam o contrastarem-se com pessoas religiosas cujas mentes, conforme dizem, são rígidas e fechadas. Acusam-nos de considerar apenas um Livro e apenas uma Pessoa. Elas mesmas, por outro lado, segundo afirmam, têm mantido abertas em todas as direções as janelas de suas mentes; e, como resultado disso, têm armazenado tantos conhecimentos e informações que lhes é impossível aceitar a antiga mensagem da Bíblia. Afirmam ter mentes abertas, serem livres-pensadores.

Mas, certamente, antes de alguém poder asseverar que tem mente verdadeiramente aberta, terá de provar que ela está aberta em todas as direções. A mente verdadeiramente aberta é aquela voltada para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste, como também para o passado, para o presente e para o futuro. A mente que é deliberadamente fechada em qualquer uma dessas direções não é uma mente aberta. Portanto, é obvio que quando um homem repele e rejeita o evangelho, sem ao menos levá-lo em consideração, simplesmente porque é antigo, está admitindo que deliberadamente fechou a sua mente para o passado. Isso não é um bom raciocínio. Isso não é pensar direito. Isso não é lógico. Isso nada mais é que demonstração de um total preconceito. Portanto, qualquer pessoa que rejeita o evangelho, somente por causa de sua antiguidade, não tem qualquer direito de considerar-se uma pessoa de mente aberta.

Mas também podemos mostrar que uma pessoa com esse tipo de mentalidade é culpado de estabelecer um falso padrão sobre essas questões. Pois é evidente que o critério mais importante e final para tal pessoa é a idade, e não a verdade. No entanto, o que importa quando se discute sobre a verdade não é a idade, mas a sua veracidade.

Esse ponto pode ser ilustrado bem facilmente. O homem que se mostra inquiridor, acerca de qualquer questão, é um homem que fala da seguinte maneira: "Meu objetivo é chegar ao alvo final e ao destino para onde me dirijo. Anseio tanto por chegar àquele alvo

que estou disposto a receber conselhos e informações de qualquer um e de qualquer fonte disponível. Não me importa se tal conselho vem do passado ou do presente, ou se virá do futuro. Acolherei como algo de valor qualquer coisa que me ajude a chegar ao alvo". Se tal pessoa inquirir sobre a idade de seu informante ou sobre a antigüidade da verdade por este proclamada, certamente estará introduzindo algo totalmente irrelevante à discussão. Se eu disser que só pode ser verdade aquilo que é novo e recente, aquilo que não poderia ter sido conhecido por homens do passado, então, como é óbvio, todo o meu conceito sobre a verdade está alterado; terei estabelecido um padrão que, para mim, tornou-se mais importante do que a própria verdade, a saber, a novidade.

Naturalmente, há casos em que a aplicação do padrão de datas e de antigüidade é perfeitamente legítima. Existem aqueles, por exemplo, que têm por passatempo colecionar móveis antigos. Nesse caso, não se duvide, as pessoas estão mais interessadas na antigüidade de um móvel do que em sua qualidade. Ora, enquanto o problema envolver apenas uma questão de mobiliário, não nos disporemos a discutir com aqueles que estabelecem o critério da antigüidade. Porém, quando se discute acerca do homem e de Deus; quando nos preocupamos acerca da moralidade, da castidade e da pureza; quando pensamos em termos de morte, de eternidade e de toda a condição futura da humanidade, então é claro que, se for introduzida essa questão de antigüidade e datas, será coisa puramente irrelevante e considerada totalmente alheia à discussão. Lamentavelmente, é preciso dizer que aqueles que nutrem tal preconceito contra o evangelho dão a impressão de que sua real preocupação não é com a própria verdade, mas em serem reputados indivíduos modernos e atualizados. O interesse final deles não é a realidade, e, sim, a modernidade.

Ao prosseguirmos para o final da exposição acerca desse preconceito exibido pela rejeição ao evangelho, simplesmente por ser antigo, voltamo-nos para a ciência, uma área que é altamente valorizada pelo homem moderno, e extremamente popular em nosso tempo. Grande parte da argumentação contrária à religião cristã e à

Bíblia garante que chegou a essa posição através do uso do método científico de inquirição. Dizem-nos seus defensores que a religião pertence ao terreno da imaginação e da fantasia, pertence ao mundo do romance e do faz-de-conta. A religião, asseveram eles, deve ser situada na mesma categoria do folclore ou das histórias para crianças, na mesma categoria do mundo irreal, criado pelo temor e pela fantasia. Totalmente oposto a isso, conforme ainda afiançam, é o método científico, que se preocupa exclusivamente com fatos.

Não nos interessa, no momento, demonstrar exaustivamente o erro desse argumento; mas precisamos apontar, pelo menos, os pontos relacionados a ele. Um desses pontos é que o espírito verdadeiramente científico sempre tem o cuidado em estabelecer a diferença entre a teoria e os fatos, entre a suposição e a verdade, entre as hipóteses e aquilo que pode ser comprovado e demonstrado. O campo verdadeiro da ciência é o dos fenômenos que podem ser vistos e tocados, sentidos e manuseados; no momento em que um cientista se afasta do terreno tangível, torna-se um filósofo sem maior autoridade do que qualquer outro pensador.

Uma das grandes tragédias do mundo atual é que as teorias estão sendo igualadas aos fatos, e meras hipóteses estão sendo aceitas como verdades. Muitos daqueles que descrevem da própria existência de Deus e que negam a divindade de Cristo, Aquele que é miraculoso e sobrenatural, fazem-no com base na palavra de certos cientistas bem conhecidos, que se recusam a crer em tais verdades. As asseverações dogmáticas de tais cientistas estão sendo aceitas como se fossem fatos concretos, embora, na realidade, não passem de teoria. Nenhum cientista tem conseguido provar, nem poderá fazê-lo, que Deus não existe, que Jesus de Nazaré não era, de forma singular, o Filho de Deus e que Ele não operou milagres. Ninguém pode provar que não existe vida após a morte física, o julgamento final e o inferno. Tão-somente podem dizer que não acreditam nesses fatos. Mas a descrença deles, por mais audível e confiantemente proclamada que seja, não serve de comprovação. Portanto, nada existe de tão anticientífico quanto o modo como homens e mulheres estão confundindo hipóteses com verdades e

teorias com fatos.

Essa falta de discernimento sem base científica também pode ser demonstrada de outro modo. No que consiste o verdadeiro método científico de pesquisa? Quase invariavelmente trata-se de algo assim: um jovem, a quem se dá a tarefa de fazer um trabalho de pesquisa científica, geralmente fica sob a tutela de um homem de mais idade e dirige-se a esse homem de mais idade em busca de conselhos. O que tem o homem mais idoso a dizer ao mais jovem? Porventura recomenda-lhe que comece a queimar e destruir todo o livro que já se escreveu no passado, acerca do assunto em pauta? Não, mas faz exatamente o contrário. Aconselha ao jovem, antes de fazer qualquer experiência, a dirigir-se à biblioteca, ler e estudar toda a literatura passada sobre o tema, a fim de compreendê-la, apreendê-la e de fazer o melhor uso possível dela. E não há dúvida que se trata de um método sábio. Por que haveria um homem de desperdiçar o seu tempo, redescobrimdo aquilo que já foi descoberto? Outrossim, na medida em que o jovem for examinando a literatura antiga, descobrirá muitos itens frutíferos de informação, para ajudá-lo em seu próprio trabalho de pesquisa.

O método verdadeiramente científico não volta as costas para o passado. Pelo contrário, fundamenta-se no passado, estuda-o e edifica sobre ele. Em outras palavras, nada existe de mais totalmente anticientífico do que o modo como a pessoa comum, de nossa época, rejeita a Bíblia, o evangelho em sua inteireza e a igreja cristã, sem ao menos examinar as Escrituras, sem familiarizar-se com a apresentação do evangelho e sem tomar conhecimento da história eclesiástica. Não importa o que mais seja reivindicado em favor do método usado por tal pessoa, esse método comprova ser a própria antítese do verdadeiro método científico.

Dessa maneira, temos mostrado que a rejeição ao evangelho, meramente por motivo de sua antigüidade, longe de fundamentar-se sobre o raciocínio e a razão, sobre o conhecimento e a lógica, nada mais é que a manifestação de total preconceito contra o passado.

Alguém poderia objetar, no entanto, que o caso da posição

moderna ainda não foi completamente refutado. Alguém poderia concordar que repelir o evangelho, sem ao menos considerá-lo, por ser ele muito antigo, é demonstração de preconceito. No entanto, poderá prosseguir, dizendo que o seu caso é um tanto diferente. Talvez fale nos seguintes termos: "Não sou cristão. Embora não creia no evangelho, penso que posso provar que a minha rejeição ao evangelho se alicerça sobre o raciocínio e a evidência".

Tal pessoa passará a defender a sua posição do seguinte modo: "Quanto mais examino a vida, em todos os seus aspectos e setores, tanto mais claramente vejo que há uma lei universal a permeá-la inteiramente. Trata-se da lei do crescimento, do progresso e do desenvolvimento. Vejo que tudo está avançando e se movendo para a frente. Por exemplo, contemplo o meu jardim, na primavera, e vejo a semente que foi plantada e agora brota. Mas a semente não pára nesse ponto. Cresce, floresce e atinge plena maturidade, e então morre. Por semelhante modo, quando passeio pelos campos, na primavera, vejo os cordeirinhos brincando. Mas, não permanecem cordeiros. Também se desenvolvem e se tornam adultos. Por semelhante modo, observo nos campos um fazendeiro moderno que ara o seu terreno com a ajuda de um trator. Lembro-me dos dias em que os homens costumavam arar com a ajuda de cavalos, que puxavam arados de ferro. Tenho lido acerca dos dias quando os homens tinham por costume usar o arado de madeira, puxado por bois; e dos tempos ainda mais remotos, quando era usual os homens cavarem o solo com as próprias mãos. Esses exemplos são manifestações dessa mesma lei.

"Ainda, vejo a cidade moderna com suas facilidades e a contraste com as rudes cabanas de barro, em que nossos antepassados costumavam habitar. Comparo e contraste os médicos e cirurgiões modernos com o cirurgião-barbeiro do século XVIII e também com o médico-feiticeiro de períodos e povos ainda mais primitivos. Por toda parte, sempre percebo a mesma lei. De fato, basta-me apanhar um livro-texto sobre qualquer assunto e compará-lo com compêndios de cerca de vinte anos passados, que tratavam do mesmo assunto, para perceber, de relance, que tem

havido tremendo avanço no conhecimento e nas informações. Realmente, posso comparar a maneira de se lutar na Segunda Guerra Mundial com os combates da Primeira Guerra Mundial; e até mesmo nesse caso posso ver a mesma lei em operação. Tudo na vida está se desenvolvendo, avançando, prosseguindo. Trata-se da lei universal da vida e do ser.

"Mas, quando a questão mais vital e importante de todas — a saber, o homem, com seus problemas e com a sua salvação — é mencionada, então vocês, os crentes, subitamente pedem que revertamos esse processo, voltando-nos ao passado em busca de respostas e soluções. A posição de vocês é totalmente irracional. É a mesma coisa que pedir a um homem moderno que, ao adoecer, rejeite a ajuda dos últimos avanços do conhecimento científico, para ser tratado por um cirurgião-barbeiro ou por um médico-feiticeiro. É como pedir ao agricultor moderno que rejeite a oferta de um trator, para continuar a cavar o solo com as próprias mãos. Vocês estão fazendo girar ao contrário o relógio do tempo, estão revertendo o processo essencial que se acha na própria natureza. Vocês estão solicitando que o homem cometa suicídio intelectual. Com frequência tenho desejado poder crer no evangelho de vocês, para que eu também pudesse tornar-me um crente; mas, em vista do que tenho dito, isso é impossível, e não seria outra coisa senão um ato de completa irracionalidade."

Essa é a posição defendida, no momento, por grande número de pessoas. O que podemos responder a um argumento assim? Começamos a nossa resposta concordando inteiramente com os fatos mencionados. Não faz parte da pregação do evangelho negar os fatos, e o crente no evangelho não é tolo. Tem plena consciência dos avanços obtidos em muitos ramos do conhecimento humano. Está cômico dos desenvolvimentos ocorridos em muitos setores da vida; no entanto, continua a confiar no antigo evangelho.

"Como é que vocês podem conciliar essas duas posições contraditórias?", indaga o homem moderno. Fazemo-lo da seguinte forma: concordamos inteiramente com os fatos, mas cremos que

podemos demonstrar que o argumento acima, deduzido dos fatos, é falso.

Entretanto, vamos à questão de maneira positiva. Queremos apresentar as razões para continuarmos crendo na mensagem do antigo evangelho, em um mundo moderno. A primeira razão para tanto é que o homem, em si mesmo, não tem mudado em nada. Todas as modificações sobre as quais os homens tanto se jactam são apenas externas. Não são alterações no próprio homem, mas tão somente em sua maneira de agir, em seu meio ambiente. Essa declaração pode ser comprovada de muitas maneiras. Por exemplo, aceita-se o fato de que os clássicos realmente grandes da literatura mundial não têm idade, não envelhecem com o passar do tempo. A razão disso é que tratam do homem como homem, e não meramente de certos aspectos da vida humana, em certo período histórico. As tragédias gregas continuam sendo traduzidas. As peças de Shakespeare são sempre contemporâneas, pois Shakespeare, com seu profundo discernimento e compreensão, não estava descrevendo apenas o homem da era elizabetana, mas o homem como homem. O resultado é que quando lemos as suas peças teatrais, percebemos, representadas em seus personagens, as mesmas características dos homens modernos.

O mesmo se dá no caso do Antigo Testamento. Trata-se de um livro antiqüíssimo, mas seus personagens são, em todos os pontos, iguais ao homem moderno. Consideremos, por exemplo, Caim, homem que sentia tanta inveja de seu irmão ao ponto de assassiná-lo. Porventura não há homens assim no mundo moderno? Ponderemos, em seguida, sobre um homem como Esaú, que parecia interessado apenas em comer e beber. Não haverá pessoas como Esaú, no mundo moderno? Basta-nos ouvir as conversas das pessoas em lugares públicos para descobrirmos a resposta. Ou, então, observemos um homem como Jacó, que ansiava por obter sucesso e prosperidade, mas cuja avareza era tão grande que não hesitou em defraudar a seu próprio irmão. Porventura Jacó se tornou um tipo extinto? Pensemos também em Davi, rei de Israel. Lembremo-nos de como, certo dia, assentado no pátio superior de

sua casa, viu a esposa de outro homem. Ficou atraído por ela e a desejou. Resolveu possuí-la e provocou a morte de seu marido, a fim de que pudesse tê-la. Não haverá homens dessa categoria, no mundo moderno? Assim poderíamos prosseguir, examinando cada um dos personagens do Antigo Testamento. Praticamente, em todos os exemplos estaríamos vendo retratado o típico homem moderno.

Mas alguém questiona: "Certamente há algum equívoco nessa apresentação. Você não viu ainda o homem moderno cruzar os ares de avião, a setecentos quilômetros por hora? Estará sugerindo que ele é idêntico ao homem que costumava viajar à pé, a seis quilômetros por hora?" Espere um momento! Pensemos nestes dois homens. Lá vão eles, um em alta velocidade e outro a seis quilômetros por hora. A questão vital a ser respondida é: em cada caso, qual é o objetivo da viagem? O que há de mais notável é que o objetivo é precisamente o mesmo, em ambos os casos. Eles viajam ou em busca do amor, ou da guerra ou de negócios, ou, então, pretendem divertir-se. Só há uma única verdadeira diferença entre esses dois homens: é a velocidade com que se dirigem ao mesmo alvo. Na realidade, qual é a diferença precisa entre o orgulho com que o homem moderno encara sua cultura e sua sofisticação e o orgulho daqueles que, no despertar da história, tentaram edificar a torre de Babel para atingir os céus?

Talvez possamos provar melhor e mais claramente esse ponto, afirmando que o homem moderno, a despeito de toda a sua astúcia e habilidade, parece mostrar-se totalmente incapaz de inventar qualquer novo pecado. Não faz parte de nosso propósito detrazer ou diminuir o poder e a habilidade do homem moderno. Na verdade, seu conhecimento e sua capacidade são extraordinários. Tem conseguido até mesmo dividir o átomo. Não obstante, afirmar que ele é incapaz de pensar em qualquer nova forma de pecado é dizer apenas a verdade. Verificamos que todos os pecados cometidos no mundo moderno, encontram-se mencionados no Antigo Testamento; ou, vice-versa, todos os pecados mencionados no Antigo Testamento são cometidos pelo homem de nossos dias. O homem, em si mesmo, nunca muda. Continua o mesmo indivíduo

contraditório que sempre tem sido, desde a queda original. E essa é a nossa principal razão para continuarmos a apresentar ao homem moderno o antigo evangelho de Jesus Cristo.

A segunda razão para continuarmos expondo o evangelho é infinitamente mais importante. Deus não mudou! Ora, quando percebemos, conforme temos procurado mostrar, que o problema crucial do homem é o seu relacionamento com Deus, vemos então a total futilidade da questão de antigüidade e de datas. É nesse ponto que vemos com toda a clareza quão insensato é rejeitar o evangelho simplesmente por causa de sua antigüidade. Alguém já salientou admiravelmente bem esse particular, quando disse: "O tempo não deixa rugas na testa do Deus eterno". Naturalmente, tem havido avanços e desenvolvimentos, mas porventura essas coisas afetam, em qualquer sentido, o ser e o caráter de Deus? Será que por ter o homem produzido o motor de combustão interna, ou por ter conseguido liberar o poder do átomo, de alguma maneira ficaram ab-rogadas as leis de Deus ou, de alguma forma, Deus passou a abominar menos o pecado e as más ações? Não; mas a pergunta mais urgente e vital com que o homem se defronta continua sendo aquela feita por Jó, em tempos remotíssimos: "Como pode o homem ser justo para com Deus?" (Jó 9.2). Não há dúvida que existe hoje um novo cenário para os problemas, quer sejam econômicos, políticos ou educacionais, quer digam respeito à falta de moradias ou à maneira de contornar as greves. Todos esses problemas, no entanto, são temporários. Quando eles se findarem restará aquela situação inevitável, na qual nos veremos face a face com o Deus eterno, o "Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança" (Tg 1.17).

O problema crucial do homem não é a sua própria pessoa, nem a sua felicidade, nem as condições que o circundam, enquanto se encontra neste planeta. O problema crucial do homem é o seu relacionamento com Deus, tanto agora como na eternidade. Deus é eterno, imutável e absoluto. Por conseguinte, quão grande tolice é argumentar que o homem moderno necessita de um novo remédio ou de uma nova modalidade de salvação, ao invés do "evangelho da

glória do Deus bendito" (1 Tm 1.11), o qual se acha, exclusivamente, em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Nossa terceira e última razão para recomendarmos esse antigo evangelho é que não existe nada melhor do que ele; ou, em termos mais positivos, até hoje, no mundo, nada existe além do evangelho que possa tratar tão adequadamente dos problemas e das condições humanas. Podemos concordar de todo o coração com o homem moderno, quando diz que sempre deseja o que há de melhor. A pessoa que não quer o melhor que há é um insensato. Procuremos por todos os meios ter o melhor, sem importar o quanto possa custar ou de onde venha. Também não se falta com a verdade quando se diz que, em muitas áreas da vida, a última novidade é inequivocamente o que há de melhor. Consideremos apenas uma ilustração. Dentre todos os admiráveis e fenomenais avanços obtidos na Segunda Guerra Mundial, nada existe que se possa comparar, nem de longe, com os progressos obtidos no campo da prevenção e tratamento dos males de nosso corpo. Todos estamos cômnicos do fato que, por meio de inoculações preventivas, nossas crianças podem ser resguardadas de enfermidades como a coqueluche ou a difteria. Sabemos, por igual modo, que os homens em serviço militar no estrangeiro recebem vacinas preventivas contra a febre tifóide. Por semelhante modo, já ouvimos falar dos novos tratamentos de enfermidades por meios químicos, com drogas como a sulfá e a, assim chamada, droga miraculosa — a penicilina. As últimas descobertas da medicina têm sido verdadeiramente espantosas. A potência dos medicamentos descobertos não é questão de teoria ou opinião pessoal; é algo que pode ser comprovado estatisticamente. Por exemplo, é um fato que numa guerra, na África do Sul, morreram mais homens de febre tifóide do que em batalhas. No entanto, na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais, praticamente não houve mortes por causa de tal enfermidade, unicamente por causa de vacinas preventivas. Por semelhante modo, podemos comparar a taxa de mortalidade em doenças como a meningite e a pneumonia, antes e depois da introdução dessas drogas no mercado. A alteração é verdadeiramente espantosa. Não há

dúvida, portanto, que no tratamento dos males e enfermidades do corpo, a última novidade é o melhor que existe.

Poder-se-ia dizer a mesma coisa, entretanto, acerca do tratamento preventivo e da cura dos males da alma humana? Haverá alguma vacina maravilhosa que possa ser inoculada em nossos rapazes e moças que os torne imunes às insinuações e sugestões do pecado, com as quais se defrontam nas ruas, nos filmes cinematográficos, nos livros e revistas que lêem? Poderão ser eles inteiramente protegidos contra as tentações? Haverá alguma droga maravilhosa que possa ser dada a um homem atormentado pela consciência acusadora, que tem uma sensação aguda de pecado e de fracasso? Haverá algum fortificante que lhe possa ser ministrado, capaz de fortalecer sua vontade debilitada, tornando-o mais que vencedor sobre os adversários que o assediam? Haverá algum composto mágico que possa ser dado a um homem que, em seu leito de morte, reconhece a sua pecaminosidade e teme encontrar com o Senhor e Juiz eterno?

Quais são os fatos? Já pudemos verificar que, no terreno físico, as estatísticas comprovam que o tratamento mais recente é o melhor. Mas, que dizer sobre outros campos? Sejamos realistas e enfrentemos os fatos. A despeito do tremendo progresso no campo da educação, do conhecimento e da cultura, nos últimos cem anos; a despeito de todos os atos governamentais, que têm corrigido os erros e mitigado as injustiças, que têm tido por designio a melhoria social em quase todos os seus aspectos, quais são as verdadeiras condições que prevalecem em nossos tempos?

A resposta pode ser obtida quando consultamos os dados espantosos do incremento da delinqüência juvenil, do jogo e do alcoolismo, da imoralidade e também da infidelidade matrimonial, que tem atingido a tantos casais, levando-os à separação e ao divórcio. De fato, os resultados podem ser averiguados no rebaixamento geral do tom moral e do nível de vida na maioria dos países, na mania pelo sexo, na tendência crescente dos homens viverem apenas para os prazeres e para o que é superficial. O

mundo moderno se acha desesperadamente enfermo, e talvez os seres humanos se sintam mais infelizes hoje do que em épocas passadas. Só existe uma cura para os males humanos. Quando a minha consciência me acusa, só conheço uma coisa capaz de dar-me descanso e paz. Essa cura consiste em saber que Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, o qual levou os meus pecados "em seu corpo, sobre o madeiro" (1 Pe 2.24), já me perdoou. Consiste em saber e confiar que, em vista de ter Ele me amado e morrido por mim, encontro-me livre de qualquer acusação. E, consciente como estou de minha fraqueza e fracasso, de minha falta de poder para viver uma vida digna desse nome, sou novamente conduzido a Ele. É somente por causa dEle e por causa do poder do Espírito Santo, conferido por Ele, que posso tornar-me mais do que vencedor. E quando imagino a mim mesmo, em meu leito de morte, prestes a ir ao encontro de meu Criador e Juiz eterno, a minha única esperança é que irei revestido da justiça de Jesus Cristo e que Ele me tomará pela mão e me apresentará imaculado "diante da sua glória..." (Jd 24). É somente e sempre em Cristo que encontro satisfação. Somente nEle que os meus problemas são solucionados. O mundo, com todos os seus métodos, não pode ajudar-me em meu momento de maior necessidade. Mas Cristo nunca falha. Ele, em todos os aspectos, sempre nos satisfaz. Quanto mais O contemplo, tanto mais concordo com Charles Wesley, quando declarou:

Tu, ó Cristo, és tudo quanto eu quero;

Mais que tudo encontro em Ti!

Justo e santo é o teu nome,

Em mim mesmo, sou todo injustiça;

Falso e cheio de pecado eu sou,

Mas Tu és cheio de verdade e graça.

Cristo continua sendo a única esperança para cada um dos

homens; a única esperança para o mundo inteiro. O evangelho ainda é relevante? Sua antiga mensagem continua adequada? A resposta é que somente o evangelho é relevante. Somente ele pode cuidar dos problemas do homem e dar-lhes solução.